



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SENADOR HELVIDIO NUNES
BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
GRADUAÇÃO PLENA

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	03
2 JUSTIFICATIVA.....	05
2.1 Novas Diretrizes Curriculares	05
3 OBJETIVOS.....	09
4 PERFIL DO PROFISSIONAL.....	10
5 COMPETÊNCIAS	10
6 EXPECTATIVA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL	12
6.1 Perfil dos egressos	12
6.2 Habilidades dos egressos	13
7 POLÍTICA DE PRÁTICA DE ESTÁGIO	13
7.1 Gestão da prática.....	13
7.2 Gestão de estágio.....	15
8. ESTRUTURA CURRICULAR.....	15
8.1 Sugestão de Fluxo de Integração Curricular	22
8.1.2 Licenciatura.....	25
8.2 Matriz Curricular.....	28
8.2.1Núcleo Comum – Licenciatura	31
8.2.2 Núcleo Específico – Licenciatura	32
8.2.3 Núcleo Optativo – Licenciatura	33
9. ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	35
10. INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.....	36
11. METODOLOGIA	36
12. RECURSOS.....	37
12.1 Humanos.....	37
12.2 Materiais	38
13. AVALIAÇÃO.....	38
13.1 Da Aprendizagem	38
13.2 Do Currículo.....	39
14. REFERÊNCIAS	40

1. APRESENTAÇÃO

Este é o Projeto Político Pedagógico que trata da criação do curso de Licenciatura Plena em História, para implantação no Campus “Senador Helvídio Nunes de Barros” – Picos PI a partir do 1.2007.

A matriz político-pedagógica do curso provém da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Além disso, se procurou implementar igualmente as diretrizes do novo Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFPI.

O que se propõe é o oferecimento de 100 (cem) vagas, sendo que as 50 (cinquenta) primeiras terão entradas no primeiro semestre no turno diurno e as 50 (cinquenta) restantes no turno noturno, no segundo semestre do ano letivo em que prestarem vestibular, tendo por meta formar recursos humanos para o ensino fundamental e médio para atuar na região, no estado, enfim.

Considerando o papel do homem como sujeito e objeto do conhecimento histórico, é função dos Cursos de História fornecer essa consciência, uma vez que o profissional que se pretende formar deverá ser um sujeito crítico e ciente de sua condição de agente da história, eticamente comprometido com a construção de uma sociedade solidária e justa. Um profissional que participe efetivamente da construção de um sistema educacional comprometido com os valores democráticos, profissional capaz de realizar interação dialógica entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a construção de um conhecimento novo e de qualidade, que possa fornecer perspectivas sócio-culturais para a região.

O Curso pretende dar uma formação ao jovem professor-pesquisador dentro de uma perspectiva multidisciplinar, que lhe permita desenvolver aptidões voltadas para a prática da pesquisa e do ensino.

Este documento fundamenta-se nas diretrizes e linhas de ação da política de formação dos profissionais ligados ao ensino e à pesquisa em história definidas pela Associação Nacional de História – ANPUH, pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96, pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível Superior, curso de licenciatura, de graduação plena, Resoluções 01 e 02/2002 do Conselho Nacional de Educação e Documento Norteador elaborado pela Comissão de Especialista de História – SESU - MEC para Autorização e Reconhecimento de Curso de História.

O curso se propõe à formação de professor apto a lidar com a transformação do conhecimento e das práticas educativas e de pesquisa no contexto atual.

Esta proposta de currículo elege como áreas de formação o **Ensino** e a **Pesquisa** e se propõe a garantir uma formação ampla e ao mesmo tempo sólida, capacitando o Profissional de História formado na UFPI a atuar como docente no Ensino Fundamental e Médio em instituições escolares e não escolares. Essa formação fundamenta-se nas orientações gerais a seguir relacionadas:

- Instituição da modalidade – Licenciatura Plena, nos períodos noturno e diurno, com opção para o aluno no momento do concurso vestibular.
- Instituição da estrutura curricular por bloco fechado, levando o aluno a matricular-se em todas as disciplinas do bloco curricular e assim propiciar condições concretas para a conclusão do Curso no seu tempo ideal de duração.
- Determinação como prazo máximo de duração de sete anos, respectivamente para os cursos diurno e noturno.
- Equilíbrio de carga horária das disciplinas curriculares predominando aquelas de 60 horas, com exceção do estágio supervisionado.
- Definição de princípios norteadores do currículo, sobre os quais estão fundamentadas todas as disciplinas do Curso.
- Definição de uma bibliografia básica para o Curso, a qual expressa uma literatura fundamental a ser perscrutada durante o Curso que representa a literatura teórico-metodológica essencial para uma formação profissional de qualidade.
- Exigência de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, visando consolidar os estudos investigativos, realizados no decorrer do processo de formação, bem como estimular o graduando para o prosseguimento de estudos no nível de pós-graduação.
- Inserção do graduando no campo de trabalho, desde o início do curso, permeando toda a formação acadêmica concretizando dessa forma a relação teoria e prática.

As idéias propostas neste documento levam em consideração uma prática pedagógica e de pesquisa capaz de lidar com os desafios impostos pela sociedade da informação.

2. JUSTIFICATIVA

Esta proposta procura estar sintonizada com o estágio atual do desenvolvimento da ciência histórica e, ao mesmo tempo, ao incorporar as disciplinas específicas, busca-se a flexibilidade suficiente para acompanhar o desenvolvimento dessa ciência, o que determina o perfil do profissional que o curso pretende formar e a demanda social a ser atendida.

O currículo deverá trabalhar com as dimensões de ensino e pesquisa, teoria e prática, prevendo uma articulação entre os diferentes aspectos na formação do Licenciado em História. A política de formação deste considera o domínio do processo de produção dos conteúdos bem como o processo de transposição didática deles como requisitos básicos para formar licenciados competentes, não perdendo de vista as necessidades da sociedade onde se insere o curso e o desenvolvimento recente da ciência histórica tal qual

vem se desenvolvendo nas demais plagas brasileiras e estrangeiras.

2.1. Novas diretrizes curriculares

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394, de 20/12/1996) modificou a estrutura dos cursos de Graduação Plena em História. Os pareceres subsequentes do Conselho Nacional de Educação, em especial de sua Câmara de Educação Superior, concederam plena autonomia na organização da matriz curricular revogando o Parecer 377/62 de Newton Sucupira, de 19/12/1962 que estabelecia o currículo mínimo dos cursos de História. Além disso, definiram como obrigatórias apenas duas das quatro disciplinas pedagógicas antes obrigatórias (Psicologia da Educação e Estrutura e Funcionamento), ou seja, Didática e Prática de Ensino de História. Por intermédio da Resolução CNE nº 13, de 13/03/2002, a Câmara de Educação Superior, do Conselho Nacional de Educação, estabeleceu novas diretrizes curriculares para os cursos de História, orientando nova formulação do projeto pedagógico do curso. O art. 3º da referida Resolução enfatiza que a carga horária do curso de História “[...] deverá obedecer ao disposto em Resolução própria que normatiza a carga horária da licenciatura, a qual deverá cumprir o determinado pela Resolução CNE/CP 2/2002, integrante do Parecer CNE/CP 28 de 02/10/2001”.

A Resolução CNE/CP 02, de 19/02/2002 institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Em seu art. 1º define que essa carga horária será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, **2.800 (duas mil e oitocentas) horas**, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

I – **400 (quatrocentas) horas** de prática como componente curricular, vivenciadas a partir do 5º semestre do curso;

II – **400 (quatrocentas) horas** de estágio curricular supervisionado a partir do 5º semestre do curso;

III – **1800 (mil e oitocentas) horas** de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;

IV – **200 (duzentas) horas** para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

Em seu parágrafo único, o art. 1º ressalta que os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas.

O art. 2º da Resolução define que a carga horária prevista no art. 1º, obedecidos aos 200 (duzentos) dias letivos/ ano dispostos na LDB, será integralizada em, no mínimo, 3 (três) anos letivos.

Esta proposta optou por oferecer a modalidade **Licenciatura Plena**, privilegiando o princípio que norteia as novas diretrizes curriculares, isto é, a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

Os Cursos de Licenciatura em História devem ter como clientela em potencial egressos do ensino médio da rede de ensino público e privado regional. Pretendem discutir as transformações que atualmente estão ocorrendo no campo do conhecimento histórico e do ensino-aprendizagem, através de uma ampla revisão de literatura e de práticas até então cristalizadas.

Parte-se do pressuposto de que somos possuidores de saberes culturais, saberes esses entendidos, aqui, como o acervo de conhecimentos, entendimentos, realizações, progressos, regressões, utopias, desencantamentos, que resultam da aventura que construímos nas inter-relações sociais. Somos capazes de criar idéias, transmiti-las, codificá-las, decodificá-las, acumulá-las, destruí-las, reconstruí-las.

Nesse sentido, não devemos nos vangloriar de nossas aulas expositivas tradicionais, pois elas só permitem que os alunos tomem notas e sejam avaliados no final de cada semestre letivo, e isso é instrução, transmissão de conhecimento. Se as nossas aulas tiverem somente o sentido de informar, nós, professores, seremos dispensáveis, pois os meios eletrônicos cumprem e cumprirão cada vez mais esse papel, sem maiores problemas.

Logo, precisamos de uma educação reconstrutivista, na qual o graduando seja um sujeito capaz de propor, de questionar. Defendemos, então, uma educação que desperte essa capacidade nos alunos. Consideramos que a proposta para repensarmos a nossa prática docente é a pesquisa, a reelaboração do conhecimento por alunos e professores de forma dialética e cotidiana. Nesse cenário, a aula tradicional terá um papel coadjuvante, sendo que o indispensável será mesmo a orientação e o acompanhamento atento do professor. Não queremos dizer com isso que as aulas expositivas devam ser suprimidas, mas repensadas, para que sejamos capazes de fazer a transposição do monólogo ao diálogo. É preciso que consigamos olhar a sala de aula para além do “buraco da fechadura”, vê-la como um espaço de investigação, de argumentação e de organização do pensamento, aonde alunos e professores possam usufruir desse “admirável mundo novo”, permeado pelas “novas tecnologias”, um mundo que exige novas competências e habilidades. Será muito difícil, a partir de agora, fazermos qualquer proposta de formação de professores e pesquisadores que não considere esse “admirável mundo novo”, pois não acreditamos que a sociedade da informação solucionará todos os nossos problemas, e, nesse sentido, novamente, o grande desafio será inserir a pesquisa na gestão da aprendizagem, fazermos a reconstrução de uma construção já existente, partindo do que já está construído, do que já está disponível, do conhecimento posto para, a partir dele, refazermos, elaborarmos, juntos, professores e alunos, um conhecimento novo, de qualidade.

Nós, professores, temos que abrir mão de nosso narcisismo e compreendermos que os outros, os alunos, têm conhecimentos e habilidades, que devem ser considerados, que são produtores de cultura, de um conjunto complexo de saberes que se acionados de forma competente, metódica, poderemos, juntos, educandos e educadores, enfrentar os desafios que nos circundam e nos angustiam. Daí porque considerar as falas, as propostas, as habilidades, as competências que existem em cada um de nós.

Precisamos de práticas docentes que não nos afaste de nossa imaginação, mas que nos faça reaprender a conviver e a dialogar com os outros, escutá-los com atenção analítica, mediar saberes. Precisamos de um novo sujeito do conhecimento, que reconheça o papel das tecnologias no contexto da sociedade da informação, mas que também compreenda a força das múltiplas criações, conservando e não destruindo, cooperando e não competindo de forma antropofágica, partilhando e não concentrando, incluindo e não excluindo, colocando a solidariedade no lugar da xenofobia, buscando a afetividade e a solidariedade.

Pensar a graduação em História nesse contexto é aprender a aprender, criando possibilidades de saber, conhecer, fazer, viver junto e ser mais humano. Uma relação de ensino-aprendizagem em que todos construam e pensem a sala de aula e os demais ambientes de investigação como o *locus* privilegiado para se perceber tensões, mas acima de tudo, um espaço onde se possa debater e construir saídas de forma inteligente, criativa, planejada, e não espaços onde o mestre faz as suas preleções, transmite conteúdos, que não formam um sujeito criativo, exigido pela sociedade do conhecimento, que pressupõe e requer como ponto de partida a religação e circulação dos saberes, que forme sujeitos aptos para lerem o mundo de forma competente, crítica e criativa.

Talvez não se esteja apresentando nenhuma novidade do ponto de vista teórico-metodológico, mas o novo é propor uma modalidade de graduação onde os educadores façam uma revisão de suas práticas. E como fazer isso? Através de uma formação profissional que seja Interdisciplinar e que indique metodologicamente as condições de possibilidades de comunicabilidade entre ciências e artes, ciências e tradições, razão e sensibilidades, artes e espiritualidade. Um curso de graduação que forje educadores abertos, reflexivos, críticos, utópicos. Seguindo essa trilha, precisamos aprender a religar a parte e o todo, o texto e o contexto, o global e o local, o universal e o planetário, conhecermos minuciosamente a nossa ilha, mas não perdermos de vista o horizonte. Queremos um professor que não seja uma caixa fechada e uniformizada, mas uma verdadeira caixa de Pandora, uma vez que se acredita numa educação em nível de graduação que promova as interfaces entre o mundo físico, biológico e cultural, entre o ensino e a pesquisa.

Nesse sentido, se faz urgente a observação de algumas questões tais como:

- A necessidade da formação teórica e metodológica básica que permita ao graduando a compreensão mínima que seja dos níveis empírico e teórico que são a própria essência do conhecimento em história;
- Dinamizar a discussão do caráter científico do conhecimento, sua produção, suas características e seus limites, permitindo a religação de saberes entre teorias e conteúdos das diferentes disciplinas ministradas na academia, permitindo ao graduado diminuir o fosso que separa a produção intelectual da academia do ensino fundamental e médio;
- Possibilitar uma maior consciência e clareza, por parte dos docentes e dos discentes em relação à pluralidade dos enfoques teóricos e metodológicos referentes à elaboração consequente do manuseio do conhecimento histórico;
- Repensar o tronco único (e nem sempre respeitado em sua lógica) na estruturação dos conteúdos das disciplinas, sendo esse quase exclusivamente o da linearidade cronológica;
- Construir um Projeto Político-Pedagógico para os cursos que permitam a religação dos saberes, a transposição didática e uma maior aproximação do graduando e futuro docente com os problemas da sociedade na qual vive;
- Permitir a verticalização dos saberes e práticas docentes e de pesquisa;
- Possibilitar uma maior discussão sobre o contemporâneo e domínio da idéia de que a História depende da perspectiva de análise fornecida pelo distanciamento no tempo.

Desta forma, os cursos devem ter como preocupação primordial a formação do profissional de História consciente e capaz do exercício da profissão atentando para o fato de que o saber histórico é resultado de um trabalho produzido em tempo e espaços delimitados.

3. OBJETIVOS

Levando-se em consideração que o currículo compreende todo o conjunto de experiências da vida proposto pelo curso visando ao atendimento dos objetivos e incluído os meios de avaliação, e, diante da constatação da necessidade do currículo adaptar-se às necessidades e aos anseios da sociedade, entende-se que este currículo deverá conter mais do que conteúdo a ser aprendido, deverá conter objetivos capazes de serem alcançados e que melhorem a vida do indivíduo, seja como cidadão, seja como profissional imerso em uma dada comunidade historicamente localizada.

Sendo a História considerada uma área do conhecimento capaz de conscientizar o homem sobre o seu papel no contexto sociocultural, os currículos dos Cursos de História deverão permitir, portanto, a formação voltada para o real, evidentemente que dentro de uma perspectiva histórica. Assim, o conjunto de experiências proposto pelos Cursos deverá atuar como um processo educativo que permita ao aluno conhecer o seu contexto histórico e nele atuar de forma consciente.

A História enquanto conhecimento possibilita o desenvolvimento de aptidões voltadas para a prática da pesquisa e do ensino. Desta forma, o curso deverá ter como preocupação primordial a formação do professor consciente e capaz do exercício da profissão, atentando para o fato de que o saber histórico é resultado de um trabalho produzido em tempo e espaço delimitados e que por isso mesmo pode gerar produtos diferentes.

Buscam-se cursos que discutam as transformações que atualmente estão ocorrendo no campo da pesquisa histórica e do ensino-aprendizagem, através de uma ampla revisão de literatura e de práticas docentes até então cristalizadas.

Cursos que formem e aperfeiçoem recursos humanos que atuem no ensino fundamental e médio, nas mais diversas áreas do conhecimento das ciências humanas e sociais;

Uma graduação que proporcione uma experiência de pesquisa, possibilitando aos discentes desenvolverem projetos e construam conhecimento novo e de qualidade, alunos que sejam capazes de decifrar informações, ressignificá-las;

Que forme professores capazes de utilizar, de forma competente, os recursos didáticos, as ferramentas conceituais para transformarem a sala de aula numa oficina constante, lugar onde se constrói e se reconstrói o conhecimento;

Que forme professores capazes de informar e de formar sujeitos leitores do mundo e, principalmente, de suas individualidades e especificidades.

Curso que instrumentalize os futuros educadores a elaborarem um projeto de docência e de investigação da própria prática.

PRINCÍPIOS CURRICULARES

O currículo de um curso é o conjunto de atividades, de experiências, de situações de ensino-aprendizagem, vivenciadas pelo aluno durante sua formação. É o currículo que assegura a formação para uma competente atuação profissional, assim as atividades desenvolvidas devem articular harmoniosamente as dimensões: humana, técnica, político-social e ética.

Nesta perspectiva, no decorrer do curso de Licenciatura Plena em História deve ser considerados os seguintes princípios:

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** – este princípio demonstra que o ensino deve ser compreendido como o espaço da produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação para que se possam compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades e, se necessário, transformar tais realidades.
- **Formação profissional para a cidadania** – a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional por meio do questionamento permanente dos fatos possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- **Interdisciplinaridade** – este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita análise dos objetos de estudo sob diversos olhares, constituindo-se questionamentos permanentes que permitam a (re)criação do conhecimento.
- **Relação orgânica entre teoria e prática** – todo conteúdo curricular do curso de Licenciatura em História deve fundamentar-se na articulação teórico-prática, que representa a etapa essencial do processo ensino-aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente em todas as disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.

4. METODOLOGIA

A implantação deste currículo não deve se limitar à operacionalização de um arranjo de conteúdos em disciplinas devendo ir além da matriz curricular isso quer dizer que a questão fundamental não é a formalização de novos conteúdos, mas de uma nova mentalidade face aos objetivos do próprio curso, o que deve está ligado a sua função social. Portanto, o essencial é uma postura teórico-metodológica face à própria disciplina e, portanto, face ao processo social.

Há de existir uma associação de interesses tanto dos docentes quanto dos discentes. A nível docente, deverá tomar-se como medida necessária a continuação do processo de atualização do quadro docente do curso, através de cursos de Teoria e Metodologia da História, atualização relativa a problemas de natureza epistemológica, bem como a intensificação da prática da pesquisa histórica e de caráter interdisciplinar. Deverá haver sempre uma atualização da bibliografia utilizada no Curso.

Há de ser viabilizada uma política de atualização permanente, possibilitando uma reprogramação das próprias atividades docentes de forma que essa atuação comporte ou dê mais espaço tanto a pesquisa quanto à extensão.

Trabalhar-se-á com disciplinas teóricas e práticas, que devem atender a dois objetivos: dar os mecanismos para compreensão da historicidade da própria história bem como mostrar o processo de sua produção enquanto saber científico e permitir a identificação e a análise nas disciplinas ditas de conteúdo, dos modelos teóricos sobre os quais esses conteúdos foram organizados. Supondo que há uma teoria que orienta a produção do saber histórico e ainda que essa teoria não necessariamente está colocada de forma explícita pelo historiador, deve-se fornecer instrumentos que permitam ao aluno identificá-la pela análise historiográfica.

O processo de formação teórica deve passar, necessariamente, pela Teoria da História, Metodologia da História, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Leitura, Interpretação e Produção de Textos Históricos, além da Historiografia, possibilitando ao aluno a apreensão e a compreensão das demais disciplinas, dando organicidade ao curso e possibilitando a inter-relação e a relação dos diversos conteúdos não mais em uma perspectiva cronológica, rompendo o elo causa-consequência da história episódica, agrupando os diferentes tipos de saberes produzidos a partir de sua filiação teórico-metodológica, o que será, certamente, um passo a mais no sentido da aproximação e da compreensão de que a história, como saber sistematizado e às vezes até cristalizado, produzido em condições que são igualmente históricas.

5. PERFIL DO PROFISSIONAL

Considerando o papel do homem tanto como sujeito quanto como objeto da história e, ainda, a função do Curso de História como fornecedor dessa consciência, o profissional que se pretende formar deverá:

- Ter consciência do seu papel como agente social que, como cidadão e como profissional, compreenda a realidade em que se insere, ao mesmo tempo em que domine as formas de produção e reconstrução do saber a respeito desse contexto sócio-cultural no qual está imerso;
- Compreender que as diversas visões de mundo correspondem não só práticas sócio-culturais diferenciadas, como processos diferenciados de produção de saberes e práticas;
- Adquirir elementos que permitam a identificação, nos conteúdos programáticos e na bibliografia do Curso, diferentes posições teóricas e metodológicas que orientarão a elaboração do seu conteúdo;
- Identificar a posição do Brasil no contexto das nações e as injunções e interesses que permeiam essas relações.

6. COMPETÊNCIAS

O parecer CNE/CP 009/2001, no que concerne à formação do professor, aponta para três competências nucleares que devem fundamentá-la: a **competência teórico-prática**, que consiste na investigação de saberes já proclamados e na produção científica fundada no inusitado. Exige do professor liderança intelectual aliada ao papel de educador; ou seja, que tenha uma prática pedagógica norteada pela incessante busca de conhecimentos; a **competência dialógica** que se caracteriza pela compreensão do educador como agente de interlocução entre a escola e a sociedade. O processo dialógico deve levar em conta: a interação entre os agentes das Instituições de Ensino em si; os diferentes segmentos em cada instituição de ensino; os espaços educacionais e as políticas públicas; a Escola com a Sociedade, construindo um projeto pedagógico que valorize a importância da Instituição Escolar na Comunidade, e da Escola com o homem, respeitando-se o aluno real. Por fim, a **competência ética**, que diz respeito à grandeza e à responsabilidade de ser educador, em cuja prática é inerente à responsabilidade científica e à responsabilidade pela vida. Determina a construção de um projeto pedagógico fundado em relações de respeito entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem; a consciência de que o professor é uma pessoa pública cujos valores ultrapassam a sala de aula, repudiando ideologias e práticas transgressoras da dignidade humana.

Ao professor de História, além do domínio dos conhecimentos específicos que norteiam sua abordagem teórica, a compreensão, a identificação e a resolução de outras questões inerentes à sua prática profissional fazem-se necessárias. Cabe-lhe, portanto, saber avaliar criticamente sua atuação e o contexto em que atua, interagindo cooperativamente com os profissionais da educação e com a sociedade.

No tocante às competências e às habilidades específicas do professor de história, é necessário que o mesmo, além daquelas competências inerentes a qualquer educador, seja capaz de:

- Dominar as concepções metodológicas que orientam o trabalho de investigação e a análise das relações sócio-históricas;
- Distinguir diferentes relações de tempo e espaço;
- Dominar os conhecimentos inerentes às diferentes épocas e civilizações, bem como suas inter-relações;
- Dominar conteúdos básicos sobre a pesquisa, a produção e a difusão de saberes historiográficos no âmbito acadêmico, das instituições de ensino, museus, arquivos e projetos de preservação da memória e do patrimônio cultural;
- Dominar conteúdos que integram o currículo do Ensino Básico.
- Produzir, criticar e transmitir conhecimentos;
- Distinguir a História enquanto disciplina da história vivida;

- Perceber a historicidade em todas as manifestações sociais e culturais;
- Reconhecer e valorizar as diferenças presentes nas práticas sociais.

7. EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

Na finalização dos créditos da Licenciatura há a expectativa da formação de um profissional da educação básica, isto é, um professor licenciado em História que possa atuar na segunda fase do ensino fundamental e no ensino médio tanto na rede pública quanto na rede privada. A meta é formar um profissional que tenha compromisso social e político com a docência e que seja capaz de repensar constantemente sua prática.

7.1 Perfil dos egressos

Ao final do curso, os **licenciados** em História deverão:

- Demonstrar formação sólida na área de História;
- Dominar o processo de produção do conhecimento histórico em suas diversas perspectivas;
- Conhecer as principais vertentes teóricas que orientam as análises históricas;
- Ser capaz de refletir sobre o conhecimento produzido utilizando-se de metodologias e técnicas adequadas ao exercício pedagógico;
- Ser capaz de atuar na defesa da melhoria do ensino fundamental e médio no principal espaço social do ofício: a escola;
- Ser capaz de ensinar, pesquisar e intervir na realidade escolar.

7.2 Habilidades dos egressos

Ao final do curso, os **licenciados** deverão:

- Dominar os conceitos estruturadores e os conteúdos básicos da História;
- Dominar os métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transformação do conhecimento científico em matéria de ensino para os diferentes níveis de ensino;
- Dominar as novas tecnologias aplicadas ao ensino;
- Dominar a pesquisa voltada para o ensino de História.

8. POLÍTICA DE PRÁTICA E ESTÁGIO

8.1. Gestão da prática

O curso de História oferece os elementos necessários para a compreensão do processo de produção do conhecimento histórico e seus desdobramentos, como condição essencial a um melhor entendimento do presente, ao exercício da cidadania e à inserção do indivíduo na sociedade. A dimensão pedagógica no curso de História, na modalidade de **Licenciatura**, será desenvolvida, a partir do quinto semestre, tendo em vista a necessidade de associar prática pedagógica e conteúdo, de forma sistemática e permanente. A estrutura da prática de ensino revela a preocupação com a necessidade de desenvolver o domínio dos conteúdos a serem socializados, ligando-os aos seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar e, sobretudo, com a necessidade do desenvolvimento das competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico.

Esta proposta para o curso de História está preocupada com a dimensão pedagógica para que a matriz curricular não fique reduzida a um espaço isolado, restrita ao estágio e desarticulada do restante do curso. Nesse sentido, a prática de ensino e outras disciplinas pedagógicas estão presentes a partir da metade do curso, permeando todo o processo de formação do professor, no interior das áreas e das disciplinas que constituem os componentes curriculares de formação, visando a promover a articulação das diferentes práticas pedagógicas, numa perspectiva interdisciplinar.

Em consonância com a Resolução CNE/CP 01, de 18 de fevereiro de 2002, o Curso de História estrutura a dimensão pedagógica com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações problema. A presença da prática profissional na formação do professor do curso de história não prescinde da observação e da ação direta, devendo ser enriquecida com tecnologias da informação, daí a necessidade de um laboratório de informática, para operacionalização de tratamento de documentos primários e uso da técnica da história oral, e um laboratório de multimeios com tela de projeção, sistema de som, retro-projetor, notebook e data-shows, além de mapoteca e de um acervo de filmes e documentários referentes aos diferentes conteúdos ministrados.

Preocupada com a articulação teoria-prática no curso de História, na modalidade **Licenciatura** plena a dimensão pedagógica inclui a disciplina **Teoria e Metodologia do Ensino de História** que será ministrada em disciplinas do Núcleo Específico, que possibilitem a transformação do conhecimento histórico, produzido nas áreas de História Antiga e Medieval, História Moderna e Contemporânea, História da América e História do Brasil e do Piauí, em matéria de ensino. Além disso, integram também a dimensão pedagógica 08 (oito) outras disciplinas oferecidas pelo Centro de Ciências da Educação da UFPI.

A matriz curricular da dimensão pedagógica ficará assim constituída com a carga horária de 480 (quinhentos e quarenta) horas, sendo:

- a) 60 horas equivalente a 01 (uma) disciplina.
- b) 480 horas, divididas em 08 (oito) disciplinas de 60 horas cada.

Assim, a dimensão pedagógica compreenderá as seguintes disciplinas:

- Teoria e Metodologia do Ensino de História I – 60 horas
- Fundamentos da Metodologia Científica – 60 horas
- Filosofia da Educação – 60 horas
- Psicologia da Educação – 60 horas
- Sociologia da Educação – 60 horas
- História da Educação – 60 horas
- Didática Geral – 60 horas
- Legislação e Organização Básica – 60 horas
- Avaliação da Aprendizagem – 60 horas

8.2. Gestão do estágio

O estágio curricular supervisionado tal como foi definido na lei 6.494/77 e pelas posteriores medidas que o regulamentam, entre elas o parecer CNE/CP 09/2001, de 08/05/2001 (que dispõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena), visa ao aprender a ser professor-pesquisador. Assim, configura-se como uma atividade intrinsecamente articulada com a prática de ensino e com as atividades acadêmicas.

O estágio curricular supervisionado de ensino é o momento da formação em que os alunos efetivam, sob a supervisão de profissionais experientes da escola e do curso de **Licenciatura** em História, o exercício da docência e as outras atividades ligadas ao ambiente escolar, tais como, diagnóstico escolar, participação nas reuniões de planejamento, projeto pedagógico da escola, observações de aulas, preparação de planos de ensino e planos de aula etc. Esta é a ocasião para se verificar e provar a realização das competências exigidas na prática profissional especialmente no que se refere à docência.

O **estágio curricular supervisionado de ensino**, com um total de **405 horas** deve iniciar-se a partir do sexto semestre do curso de História, modalidade **Licenciatura**, sob a responsabilidade da Universidade Federal do Piauí nas escolas da rede pública de educação básica da região, conveniadas

com a UFPI. A atuação ocorrerá, sobretudo nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio. O tempo de duração previsto na escola é de dois meses intercalados ou não a cada semestre, pois, dessa maneira, permite a adequação às especificidades das diferentes instituições escolares de ensino em termos de tamanho, localização, turno e clientela.

O **Coordenador de Estágios** de cada curso terá as seguintes atribuições: coordenar, acompanhar e providenciar, quando for o caso, a escolha das escolas da rede pública de educação básica para estágio; solicitar a assinatura de convênios ao Coordenador de Estágios da Pró-reitoria de Ensino de Graduação e cadastrar as referidas escolas para estágios; apoiar o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das atividades de estágio e manter registros atualizados sobre os estagiários do curso.

O **Professor Orientador de Estágio** terá as seguintes atribuições: proceder, em conjunto com o colegiado de professores do curso e do coordenador de estágios, a escolha das escolas; e planejar, acompanhar e avaliar as atividades de estágio juntamente com os estagiários e o professor responsável pela disciplina nas escolas.

9. ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura do curso de **Licenciatura** em História contempla as mudanças a serem implementadas pela adoção do novo Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFPI e das Diretrizes Curriculares dos Cursos de História, propostas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e formuladas a partir da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei n. 9394/96).

A **Licenciatura** em História funcionará nos turnos **noturno e diurno** - com a possibilidade de algumas disciplinas serem ministradas aos sábados -, com entradas diferenciadas e previamente definidas no concurso vestibular. A matriz curricular do curso de Licenciatura em História articula-se profundamente com a formação do profissional da educação que irá atuar no ensino fundamental e médio. Oportuniza também suportes teóricos e metodológicos específicos da área de História para trabalhar os conteúdos, não como fim, mas como meio, onde a transposição destes seja sempre problematizadora, significando fazer da indissociabilidade ensino-pesquisa o eixo norteador de sua prática pedagógica. Disto resulta que não será suficiente o domínio ou a apropriação crítica do conteúdo, mas a centralidade recairá na preocupação com o processo de produção do conhecimento histórico. Leva-se em consideração, da mesma forma, conceitos fundamentais da escrita da História e/ou do ofício do historiador – como tempo, espaço e fontes – para compreensão das relações que homens e mulheres estabelecem nas sociedades em que vivem.

O Curso de **Licenciatura em História** terá uma carga horária de **3.200 (três mil e duzentas) horas**, sendo 3.000 (três mil) horas de disciplinas e 200 (duzentas) horas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (atividades complementares). O Núcleo de Formação Comum para as licenciaturas (disciplinas com dimensão pedagógica) terá 480 (quatrocentos e oitenta) horas, o Núcleo Optativo, 120 (cento e vinte) horas. Será integralizado em, no mínimo, 9 (nove) semestres ou 4,5 (quatro e meio) anos letivos e, no máximo, em 14 (quatorze) semestres ou 7 (sete) anos. O curso será oferecido com duas entradas, os 50 primeiros classificados terão entrada no turno noturno e os demais 50 no turno da tarde.

No que se refere ao **Estágio Supervisionado**, o mesmo terá **405 (quatrocentos e cinco) horas**, a partir do início da segunda metade do curso de **Licenciatura**. Assim, a partir do sexto semestre, o aluno de Licenciatura deve cumprir obrigatoriamente as seguintes disciplinas:

CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	PRÉ-REQUISITO
	Estágio Supervisionado I	75	
	Estágio Supervisionado II	90	Estágio Supervisionado I
	Estágio Supervisionado III	120	Estágio Supervisionado II
	Estágio Supervisionado IV	120	Estágio Supervisionado III
	Carga Horária Total do Estágio Supervisionado	405	

9.1 Matriz Curricular

Desta forma, a sugestão de fluxo de integração curricular do curso de **Licenciatura em História** será de **3.200 (três mil e duzentas) horas** distribuídas na Matriz Curricular semestral da seguinte maneira:

1º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
	Seminário de Introdução ao Curso	15	1.0.0		
	Introdução aos Estudos Históricos	60	4.0.0		
	História Ibérica	60	4.0.0		
	História Antiga	60	4.0.0		
	Fundamentos da Metodologia Científica	60	2.2.0		
	Arqueologia	60	2.2.0		
Carga Horária do Semestre					315

2º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
	Teoria da História I	60	4.0.0		
	História Medieval	60	4.0.0	História Antiga	
	Filosofia da Educação	60	4.0.0		
	Historia da Educação	60	4.0.0		
	Sociologia da Educação	60	4.0.0		
Carga Horária do Semestre					300
3º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
	História do Brasil Colônia	60	4.0.0		
	História Moderna I	60	4.0.0	História Medieval	
	Teoria da História II	60	4.0.0	Teoria da História I	
	Psicologia da Educação	60	4.0.0		
	Legislação e Organização Básica	60	4.0.0		
Carga Horária do Semestre					300
4º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
804.4	Antropologia Cultural	60	4.0.0		
804.4	História Moderna II	60	4.0.0	História Moderna I	
804.4	História do Brasil Império	60	4.0.0	História do Brasil Colônia	
804.4	Optativa I	60	4.0.0		
804.4	Didática Geral	60	2.2.0		
Carga Horária do Semestre					300
5º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
804.5	História das Idéias Políticas e Sociais	60	4.0.0		
804.5	História do Brasil República I	60	4.0.0	História do Brasil Império	
804.5	Historiografia Brasileira	60	4.0.0		
804.5	Metodologia do Ensino de História	60	2.2.0		
804.5	Avaliação da Aprendizagem	60	2.2.0		
Carga Horária do Semestre					300

6º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
804.6	História Contemporânea I	60	4.0.0	História Moderna II	
804.6					
804.6	História do Brasil República II	60	4.0.0	História do Brasil República I	
804.6	História do Piauí I	60	4.0.0		
804.6	Estágio Obrigatório I	75	0.0.5		
Carga Horária do Semestre					315
7º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
804.7	História Contemporânea II	60	4.0.0	História Contemporânea I	
804.7	História do Brasil República III	60	4.0.0	História do Brasil República II	
804.7	Métodos e Técnicas de Pesquisa em História	60	2.2.0	Teoria da História III	
804.7	História do Piauí II	60	4.0.0	História do Piauí I	
804.7	Estágio Obrigatório II	90	0.0.6	Estágio Obrigatório I	
Carga Horária do Semestre					330
8º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
804.8	TCC I (Monografia I)	60	1.3.0	Métodos e Técnicas de Pesquisa em História	
804.8	História das Américas I	60	4.0.0		
804.8	Gestão educacional e Empreendedorismo	60	4.0.0		
804.8	Optativa II	60	4.0.0	Optativa I	
804.8	Estágio Obrigatório III	120	0.0.8	Estágio Obrigatório II	
Carga Horária do Semestre					360
9º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	teór/pr at		
804.9	História Indígena	60	4.0.0		
804.9	História da África	60	4.0.0		
804.9	História das Américas II	60	4.0.0	História das Américas I	
804.9	TCC II (Defesa de Monografia)	60	1.3.0	Monografia I	
804.9	Língua brasileira de sinais	60	2.2.0		
804.9	Estágio Obrigatório IV	120	0.0.8	Estágio Obrigatório III	

Carga Horária do Semestre					480
OPTATIVAS					
804.	História das Américas III	60	4.0.0		
804.	Tópicos de História do Piauí	60	4.0.0		
804.	História das Revoluções Regionais no Brasil	60	4.0.0		
804.	Literatura, Teatro e História.	60	4.0.0		
804.	Memória e História	60	4.0.0		
804.	Cidades e História	60	4.0.0		
804.	Cultura Material e História	60	4.0.0		
804.	Gênero e História	60	4.0.0		
	Pré-História	60	4.0.0		

RESUMO DA MATRIZ CURRICULAR

Disciplinas de Formação Comum para as licenciaturas (disciplinas com dimensão pedagógica)	480 horas
Disciplinas Optativas	120 horas
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (atividades complementares)	200 horas
Trabalho de Conclusão de Curso	120 horas
Disciplinas de Natureza Científico-Cultural	2.250 horas
Carga Horária Total do Curso	3.170 horas
Prazo Mínimo de Integralização Curricular	09 Semestres
Prazo Máximo de Integralização Curricular	14 Semestres

9.2 Distribuição de Créditos

Os créditos estão classificados em teórico, teórico-prático e prático. Este último sob a forma de estágio obrigatório supervisionado, em concordância com a natureza dos conteúdos curriculares, sendo 15 horas equivalente a um crédito.

9.3 Matriz Curricular-Ementário e Bibliografia

1º SEMESTRE

SEMINÁRIO DE INTRODUÇÃO AO CURSO CH: 15h/a

EMENTA:

Apresentar ao aluno a estrutura física e funcional do curso e da instituição. Expor a filosofia, objetivo, metodologia do Curso, perfil do profissional em formação, áreas de atuação, disciplinas com as respectivas ementas e critérios de avaliação.

BIBLIOGRAFIA:

PIAUÍ, UFPI. **Estatuto da UFPI**. Teresina: Edufpi, 1999.

PIAUÍ, UFPI. **Regimento Geral da UFPI**. Teresina: Edufpi, 1999.

PIAUÍ, UFPI. **Projeto Político Pedagógico do Curso de História da UFPI para o Campus Senador Helvidio Nunes Barros**. Teresina: 2007.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS CH: 60h/a

EMENTA:

A natureza do conhecimento histórico. Os conceitos fundamentais da história. As suas formas de explicação. O seu campo atual de estudos. Os diferentes referenciais historiográficos. A reflexão sobre o ofício do historiador. O pensamento histórico e as correntes historiográficas do século XIX: o Historicismo alemão, a Escola Metódica francesa e o Positivismo.

BIBLIOGRAFIA:

BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDÉ, G. e MARTIN, H. **As escolas históricas**. Lisboa: Europa América, 2000.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANNADINE, David (coord.). **Que é a história hoje?**. Lisboa: Gradiva, 2006.

CARR, E. Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COLLINGWOOD, R G. **Idea de la Historia**. México: Fondo de La Cultura Economica, 1956.

FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R. de; KHOURY, Y. A. (orgs). **Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na história**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

FERREIRA, Marieta de M e AMADO, Janaína. (orgs) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru-SP: Edusc.1998.

HOBBSBAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das letras, 1997.

SEIGNOBOS, CH. LANGLOIS, CH. **Introdução aos Estudos Históricos**. São Paulo: Ed. Renascença. 1946.

HISTÓRIA IBÉRICA CH: 60h/a

EMENTA:

A península Ibérica desde a antiguidade até meados dos séculos XVII. A Proto-história ibérica. Os Celtas e Iberos, o Lusitanos. A dominação romana pós Cartago. A invasão bárbara, Suevos e Visigodos. A expansão Árabe, a reconquista e a Idade Média na Península. A formação dos Estados Nacionais: Portugal e Espanha, As sociedades. As grandes navegações e a fundação dos impérios ultramarinos.

BIBLIOGRAFIA:

ADELINE, Rucquoi. **A História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

BICALHO, Maria Fernanda; LUCIA, Vera. **Modo de Governar**: idéias práticas do Império Português. São Paulo: Alameda. 2005.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições** – Portugal, Espanha e Itália, séculos XV – XIX. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BUADES, Josep. M. **Os espanhóis**. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. **Portugal na época da Restauração**. São Paulo: HUCITEC.1997.

HERMAN, Jacqueline. **1580 – 1600**: o sonho da salvação. São Paulo: Cia das Letras. 2000.

MATTOSO, José; TENGARRINHA, José. (Org). **História de Portugal**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP. 2001.

MENOCAL, Maria Rosa. **O ornamento do mundo**. Rio de Janeiro. Record, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Esquecidos de Deus**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

VICENT, Mary, STADLING, R. A. et. al. **Espanha e Portugal**. São Paulo: Edições Delprado. 1997, Vol. I e II. (Coleção: Grandes Impérios e Civilizações)

HISTÓRIA ANTIGA CH: 60h/a

EMENTA:

As estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas da Antiguidade das primeiras civilizações, Egito, Mesopotâmia, Pérsia, Hebreus, Fenícios. O mundo Helênico. Roma. Os discursos historiográficos sobre a Antiguidade na sociedade contemporânea.

BIBLIOGRAFIA:

ASHERI, David. **Estado Persa**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

AYBOER, J; AYMARD, André. **História Geral das Civilizações: o Oriente e a Grécia Antiga**. São Paulo: Bertrant Brasil. 1998. Volume I e II

BURKERT, Walter. **Mito e Mitologia**. Lisboa: Edições 70. 2001.

CARDOSO. Ciro F. S. **Antiguidade e Religião**. Os povos do Oriente próximo. São Paulo: Contexto. 1990.

CROUZET, Maurice (dir.). **História Geral das Civilizações : o Oriente e a Grécia antiga - o homem no Oriente próximo**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1993.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Antiguidade Oriental**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOHNSON, Paul. **História Ilustrada do Egito Antigo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MANSUR, Alberto Jorge Simões. **Árabes das origens à expansão**. São Paulo: Nova didática, 2002.

ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o Antigo e Médio Oriente**. São Paulo: Edições Delprado, 1996, Vol. I e II. (Coleção: Grandes Impérios e Civilizações)

SOUZA, Paulo Ângelo de Meneses. Mytos e Logos em Herotodo III. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea Paz. (Org.). **Historias: Cultura, Sociedade, Cidade**. Recife: Edições Bagaço. 2005.

VIDAL-NAQUET, P. **Os gregos, os historiadores e a democracia: O grande desvio**. São Paulo: Cia das Letras. 2002.

FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA

EMENTA:

O Conhecimento, a ciência e o método científico. Tipos de Conhecimento. As técnicas e modalidades de registros de textos históricos: esquema, resumo e resenha; normatização dos trabalhos científicos; os problemas metodológicos do conhecimento. Formas de produção do conhecimento: pesquisa bibliográfica, monografia e artigo. Normas da ABNT.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia científica**, São Paulo: Atlas, 1993.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo, SP: Makron Books, 2004.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1987.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resenha**. 2. ed. São Paulo:Parábola Editorial, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamento, resumos, resenhas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____, ANDRADE, Maria Margarida de. **Manual de elaboração de referências bibliográficas**. São Paulo: Atlas, 2001.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. 2.ed. São Paulo:Loyola,2004

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia científica**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ARQUEOLOGIA CH: 60h/a

EMENTA

A visão ampla da prática arqueológica no Brasil, a partir de uma vertente histórica e metodológica. A introdução teórica às metodologias e técnicas de campo em arqueologia. As principais linhas de abordagem nas práticas de campo em arqueologia. O patrimônio arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições70, 2006.

DEVEREUX, Paul. **Arqueologia**: o estudo do nosso passado. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto. 2003.

HERBERTS, Ana Lucia e COMERLATO, Fabiana. **Patrimônio Arqueológico**: para conhecer e preservar. Florianópolis: Eletrosul, 2003.

HODDER, Ian. **Interpretação em Arqueologia**. Barcelona: Editorial Critica. 1988.

LAGE, Maria Conceição S.M. Análise química de pigmentos de arte rupestre do sudeste do Piauí. **Revista de Geologia**, vol. 9, 1996.

NEVES, Eduardo G.; EL FAR, Alessandra. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Coleção descobrindo o Brasil)

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1992.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina M. **Turismo e Arqueologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

TRIGGER, D. **A história do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

2º SEMESTRE

TEORIA DA HISTÓRIA I CH: 60h/a

EMENTA:

A Escola dos Annales e as gerações posteriores no século XX. A Nova história e seus desdobramentos: novos temas, novas abordagens, novos problemas. Fundamentações teóricas e epistemológicas.

BIBLIOGRAFIA:

BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. **A Escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1997.

CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs) **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, R. **A história Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990.

DOSSE, F. **A história em migalhas**. São Paulo: Edusc, 2003.

DUBY, G. **A história da Vida Privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FEVRE, L. **Combates pela História**. Lisboa : Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques ; Nora, Pierre (Dir.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques ; Nora, Pierre (Dir.). **História: novos Objetos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques ; Nora, Pierre (Dir.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MOTA, Carlos Guilherme (org). Face ao vento: manifesto dos Anais Novos(1946). In: **Febvre**. São Paulo: Ática. 1989.

VOVELLE, M. **Imagens e Imaginário na História**. São Paulo: Ática, 1997.

HISTÓRIA MEDIEVAL CH: 60h/a

EMENTA:

A queda do Império romano e as invasões bárbaras. O processo de síntese dos elementos latinos e germanos. O Império bizantino. A formação e expansão do Islã. A Igreja. O Feudalismo. As Cruzadas. A sociedade na Alta e da Baixa Idade Media.

BIBLIOGRAFIA:

BARTLETT, W. B. **História Ilustrada das Cruzadas**. São Paulo: Ediouro, 2003.

DUBY, Georges. **Idade Media idade dos homens**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Media**. Nascimento do Ocidente. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GIORDANI, Mario C. **História do Império Bizantino**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HOURANI. A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia das Letras, 1994

MICELI, Paulo. **O Feudalismo**. São Paulo: Atual, 1994. (Coleção: Discutido a História)

PEDRERO-SANCHES, Guadalupe. **A História da Idade Media: textos e testemunha**. São Paulo: Unesp, 2000.

PINSKY, Jaime; MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Media**. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção: Repensando a História)

VERGER, J. **As Universidades na Idade Media**. São Paulo: Unesp. 1990.

VEYNE, Paul; FEIST, Hildegard. **História da Vida Privada: do império romano ao ano Mil**. vol.1. São Paulo: Cia das Letras. 2004.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CH: 60h/a

EMENTA:

Filosofia e filosofia da educação: concepções e especificidades da Filosofia; concepções de educação; tarefas da filosofia da educação, relação entre educação, pedagogia, ensino.

BIBLIOGRAFIA:

- ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BRITO, E. F. de; CHANG, L. H. (orgs.). **Filosofia e Método**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BULCÃO, E. B. M. **Bachelard**: Pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Atica, 2003.
- GHIRALDELLI Jr., P. **Filosofia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- IMBERNON, F. **A educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artes Medicas, 2000.
- IMBERT, F. **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KANT, E. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Ed. da Univ. Metodista de Piracicaba, 1996.
- OSMON, H. A. **Fundamentos filosóficos da educação**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ZUIN, A. A. S. **Indústria cultural e educação**: o novo canto da sereia. Campinas: Autores Associados, 1999.

HISTORIA DA EDUCAÇÃO CH: 60h/a

EMENTA:

Fundamentos teórico-metodológicos e importância na formação do educador. Principais teorias e práticas educacionais desenvolvidas na história da humanidade. Visão histórica dos elementos mais significativos da educação brasileira e piauiense, considerando o contexto social, político econômico e cultural de cada período.

BIBLIOGRAFIA:

- BRITO, I. S. **História da educação no Piauí**. Teresina: Edufpi. 1996.
- DI GIORGI, C. **Escola nova**. 3ª ed. São Paulo: Atica, 1992.
- FARIA FILHO, L. M. de, (org). **Pesquisa em história da Educação**: perspectivas de análise, objetos e fontes. Belo Horizonte: HG Edições, 1999.
- FERRO, M. do A. B. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996
- LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1990.

MONLEVADE, J. **Educação pública no Brasil: contos & descontos**. Ceilandia: Idéia Editora. 1997.

SAMPAIO, A. **Velhas escolas – grandes mestres**. Esperantina: Prefeitura Municipal, 1996.

SAVIANI, D. et all (org.) **História e historia da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados/HISTED BR, 1998.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO CH: 60h/a

EMENTA:

O campo da Sociologia da Educação: surgimentos e correntes teóricas. A escola e os sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas. O campo educativo: sujeitos, representações sociais e espaços educativos.

BIBLIOGRAFIA:

GOMES, A. I. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: razões do improvável**. São Paulo: Atica, 1997.

MENDONÇA, Ana Waleska e BRANDÃO, Zaia (orgs.). **Porque não lemos Anísio Teixeira ? uma tradição esquecida**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). **Escritos de educação**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdier e a educação**. Belo Horizonte: Autentica. 2004.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G; ZAGO, N. (orgs.). **Famílias e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PETITAT, A. **Produção da escola; produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994.

3º SEMESTRE

HISTORIA DO BRASIL COLÔNIA CH: 60h/a

EMENTA:

A expansão marítima européia e o descobrimento do Brasil. A exploração e colonização. A sociedade colonial: vida, imaginário, comportamento e transgressão. As invasões francesas. A ocupação holandesa em Pernambuco e Maranhão, os movimentos nativistas. A transmigração da família real.

BIBLIOGRAFIA:

ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

ARAÚJO, Emanuel. **O Teatro dos Vícios**: transgressões e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio/Edunb, 1993.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. **A utopia do poderoso império**. Portugal e Brasil: bastidores da política, 1798-1822. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

MALERBA, Jurandir. **A corte no exílio**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Rubro Veio**. O imaginário da Restauração Pernambucana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550 - 1835. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SOUZA, Laura de Mello. (org.) **História da vida privada no Brasil**. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo na terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

VILLALTA, Luiz Carlos. **1789 – 1808**. O Império luso-brasileiro e os brasis. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

HISTÓRIA MODERNA I CH: 60h/a

EMENTA:

O século XV e o humanismo. O contexto histórico, cultural, intelectual e religioso. As grandes transformações no pensamento. Os movimentos de contestação religiosa. A Reforma e a Contra-Reforma. A formação dos Estados Modernos. A transição do Feudalismo ao Capitalismo. O Mercantilismo. O Colonialismo.

BIBLIOGRAFIA:

BUCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

- DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Vol. 1. Lisboa: Estampa, 1994.
- DURANT, Will. **A reforma: história da civilização europeia de Wyclif a Calvino: 1300-1564**. Rio de Janeiro:Record, 2002.
- FORTES, L. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- JOHNSON, Paul. **O Renascimento**. São Paulo: Objetiva, 2002.
- KRISTELLER, P. **A Tradição clássica e o pensamento do Renascimento**. Edições 70, 1995.
- MAN, John. **A revolução de Gutenberg**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- MARTINA, Giacomo. **Historia da Igreja. O Período da Reforma**. São Paulo: Loyola, 1997.
- MULLET, M. **A Contra-Reforma**. Lisboa: Gradiva, 1988.
- QUEIROZ, Tereza Aline Pereira. **O Renascimento**. São Paulo: EDUSP, 1995. (Coleção Acadêmica)
- SCHULTZE, Mary. **Viajando com Martinho Lutero**. São Paulo: Universal, 2003.
- TILLY, Ch. **Coerção, capital e estados europeus**. São Paulo: Edusp, 1996.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalista**. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção; A obra prima de cada autor)

TEORIA DA HISTORIA II CH: 60h/a

EMENTA:

Fundamentos do Marxismo: Marx e Engels. O materialismo Histórico Dialético. A crítica a Hegel. A escola de Frankfurt. O marxismo Inglês e o diálogo com a antropologia e os estudos culturais nas perspectivas atuais do Marxismo.

BIBLIOGRAFIA:

- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os Métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social**.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

FERNANDES, Florestan. (org). **Marx. Engels. História.** São Paulo: Ática, 2001.

FONTANA, Josep. **A história dos homens.** Bauru: EDUSC, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 (5a. ed., 1987).

HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta-Cabeça: Idéias Radicais** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MARX, K. O capital. **Crítica da economia política.** Livro 1, vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

MARX, Karl, ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** São Paulo:Ed. Hucitec, 1999.

MÈSZÁROS, I. **Para além do Capital.** Campinas, SP: Boitempo editorial. 2002.

REIS, José Carlos. **A História: Entre a Filosofia e a Ciência.** São Paulo: Ática, 1996.

RODRIGUES, José Honório. **História e historiografia.** Petrópolis: Vozes, 1970.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operaria Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Tomos I, II e III.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** Estudo sobre a Cultura Popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO CH: 60h/a

EMENTA:

A ciência psicológica. A constituição da subjetividade. Desenvolvimento e aprendizagem. Transtornos e dificuldades de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA:

AMIRALIAN, M. L. T. **Psicologia do excepcional.** São Paulo: EP, 1996.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologia: uma introdução ao estudo de Psicologia.** 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRAGHROLLI, E. M. et all. **Psicologia geral**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTORINA, J. A. et all. **Piaget e Vigotzky**: novas contribuições para o debate. São Paulo: Atica, 1996.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à Psicologia**. 3ª ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

FONTANA, R; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

MOLON, S. I. **Psicologia social**. Subjetividade e construção do sujeito em Vigotsky. Petrópolis: Vozes, 2003.

NYE, R. D. **Três psicologias – idéias de Freud, Skinner e Rogers**. São Paulo: Pioneira, 2002.

TELES, M. L. S. **O que é psicologia**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

WOOLFOK, A. E. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artes Medicas, 2000.

LEGISLAÇÃO E ORGANIZAÇÃO BÁSICA CH: 60h/a

EMENTA:

A dimensão política e pedagógica da organização escolar brasileira. A educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)

BIBLIOGRAFIA:

ARELARO, L. R. G. & KRUPPA. S. M. P. Educação de jovens e adultos. In: OLIVEIRA, R. P. & ADRIÃO, T. (orgs.). **Organização do ensino no Brasil**: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. São Paulo: Xamã, 2002.

BRASIL, **Constituição** da Republica Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL, **Decreto Federal** nº 5.154/2004

BRASIL, **Emenda Constitucional** nº 14/96

BRASIL, **Lei Federal** nº 9.394/96

BRASIL, **Lei Federal** nº 9.324/96

BRASIL, **Lei Federal** nº 9.131/95

BRASIL, **Lei Federal** nº 9.766/98

BRASIL, **Lei Federal** nº 5.101/99

BRASIL, **Lei Federal** nº 10.172/2001

BREZENSISKI, I. (org.). **LDB interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997.

CORRÊA, B. C. Educação Infantil. In: OLIVEIRA, R. P. & ADRIÃO, T. (orgs.). **Organização do ensino no Brasil**: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. São Paulo: Xamã, 2002.

MEC, **Pareceres** nº 10/97 e CNE nº 03/97

MEC, **Resolução** nº 02/97

MEC, **Resolução** nº 03/97

MENDONÇA, E. A regra do jogo. In: **Democracia e patriotismo na educação brasileira**. Campinas: FÉ/UNICAMP, Lappanae, 2000.

PIAUI, **Constituição Estadual do Piauí de 1989**.

4º SEMESTRE

ANTROPOLOGIA CULTURAL CH: 60h/a

EMENTA:

Natureza e cultura. Teorias da evolução humana. Os conceitos de cultura. A questão da diversidade cultural: sociedades indígenas, rurais e complexas. A cultura nas sociedades complexas: a questão da identidade, a indústria cultural e a cultura como expressão de poder. O imaginário da modernidade. Especificidade do "olhar antropológico".

BIBLIOGRAFIA:

ARRUDA, Ângela (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOAS, Franz. **Padrões de Cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. coleção história do povo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

- GEERTZ, C. **O saber Local**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- KUPER, Adam. **Cultura**, a visão dos antropólogos. Bauru:Edusc, 2002.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 6ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992
- Lévi-Strauss. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- Lévi-Strauss. **Tristes trópicos**. Lisboa: Edições 70. 1993
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo, verdade** (Ensaio filosóficos I). Rio de Janeiro, Relumê Dumará , 1997.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio e Janeiro, UFRJ, 2004.
- SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SCHWARCZ, Lília. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HISTÓRIA MODERNA II CH: 60h/a

EMENTA:

A sociedade burguesa do antigo regime. A política dinástica dos estados europeus. O estado absolutista. As novas teorias políticas. As revoluções Inglesa e Gloriosa no século XVII. O iluminismo. O despotismo esclarecido. A crise do Antigo regime (século XVIII).

BIBLIOGRAFIA:

- ANDERSON, Perry. **Linhagens do estado absolutista**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ÁRIES, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da renascença aos séculos das luzes**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- FALCON, Francisco C. **Despotismo esclarecido**. São Paulo: Atíca, 1986.

HILL, Christopher. **A revolução inglesa de 1640**. Lisboa: Presença, 1985.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O estado monárquico: França 1460-1610**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

LOPES, Marcos Antonio. **Absolutismo e sociedade na Europa Moderna**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção: tudo é história)

STONE, L. **Causas da Revolução Inglesa (1529-1640)**. Bauru: Ed. Edusc, 2000.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WEFORTH, Francisco, **Os Clássicos da Política**. São Paulo: Atica, 1991. Vol. 1 e 2.

HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO CH: 60h/a

EMENTA:

A independência e formação do estado nacional brasileiro. A regência e os movimentos separatistas. A economia no Brasil imperial. As relações entre senhores e escravos. O segundo reinado. As relações exteriores e a Guerra do Paraguai. A desagregação do sistema escravista. A imigração. O dualismo político partidário do período, o ocaso do Império. A cultura geral do Império.

BIBLIOGRAFIA:

ALENCASTRO, Luz Felipe de. (org.) **Historia da vida privada no Brasil**. Império: a Corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

AZEVEDO, Célia Marinho. **Abolicionismo**: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003.

CARVALHO, **A contrução da ordem & Teatro das sombras**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Relume Dumará, 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: Nova História Da Guerra Do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; PRADO, Maria Emilia (org.). **O liberalismo no Brasil imperial**: origens, conceitos e praticas. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2001.

JANCSÓ, Istvan (org.). **Brasil**: formação do estado e da nação. São Paulo: Editora HUCITEC, 2003.

LIMA, Ivana Stolze. **Cores, marcas e falas**: sentidos da mestiçagem no império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**. A guerra dos jornalistas na independência, 1821-1823, São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MATTOS, Ilmar Rohloff de, **O tempo saquarema**. 5ª ed. São Paulo: hucitec, 2004.

SALLES, Ricardo. **Nostalgia Imperial**: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

OPTATIVA I CH: 60h/a

DIDÁTICA GERAL CH: 60 h/a

EMENTA:

Evolução da didática numa perspectiva histórica, analisando concepções teóricas e sua importância na formação do educador. Análise da prática docente vivenciada no cotidiano escolar a partir dos componentes didático. Concepção de planejamento numa perspectiva crítica da educação a partir de seus aspectos teóricos e práticos.

BIBLIOGRAFIA:

BARRETO, Elza Siqueira de Sá. (org.) **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

HERNANDEZ, F; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1989.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1989.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 19º ed. São Paulo, Ática, 1995

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1989.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnica de ensino**: Por que não? Campinas: Papirus, 1993.

5º SEMESTRE

HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS E SOCIAIS

EMENTA:

Formas de governo apresentadas na antiguidade clássica. Poder e autoridade na Idade Média. As teorias da legitimidade na Idade Moderna. O ideal socialista e a sociedade liberal. A idéia de progresso.

BIBLIOGRAFIA:

CHATELET, François. (org.). **História das idéias políticas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOCKE, John. **Segundo tratado do governo civil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SMITH, Adam. **A Riqueza das nações**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. São Paulo: Global, 1988.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HAYEK, Friedrich Von. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 2001.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Campus 1987.

HISTÓRIA DO BRASIL REPUBLICA I CH: 60h/a

EMENTA:

O Brasil republicano, A política das Oligarquias. A urbanização das cidades, A proto-industrialização. A emergência dos movimentos sociais messiânicos no campo e o movimento operário nas cidades. As relações exteriores do Brasil e a demarcação de fronteiras.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Johny Santana de. A construção do poder naval brasileiro no início do século XX: dos programas navais à grande guerra (1904 – 1917). In: **Navigator**: Subsídios para a História Marítima do Brasil. Vol. 1, nº 2, p. 69-86. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2005.

BATALHA, Cláudio de M. **O movimento operário na Primeira Republica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da monarquia a republica: momentos decisivos**. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a Republica que não foi. 3ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **Formação das Almas**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império do Belo Monte**: Vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. et al. **A Republica no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FGV, 2002.

CASTRO, Celso. **A Proclamação da Republica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVA, Fernando Teixeira da. et. al. (org.). **Republica, Liberalismo e Cidadania**. Piracicaba: Ed. Unimep. 2003.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. **O teatro das oligarquias**: uma revisão da política do café com leite. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CH: 60h/a

EMENTA:

A produção de trabalhos sobre história desde o século XIX ao XX. Diferentes perspectivas e abordagens. Os principais referenciais de pesquisadores e sua contribuição metodológica para a dinâmica do conhecimento histórico atual. As principais instituições propagadoras desse conhecimento.

BIBLIOGRAFIA:

BOSI, Alfredo. **A dialética da Colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

EUGENIO, João Kennedy. (org.). **História de vario feito e circunstancia**. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.** 28ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FREITAS, Marco César. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo:Contexto, 1998.

FURTADO, Celso. **A economia colonial brasileira nos séculos.** São Paulo: HUCITEC, 2001.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26ª Ed. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

IGLESIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil.** Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

LAPA, José Roberto do Amaral. **História e Historiografia do Brasil pós 64.** São Paulo: Paz e Terra, 1985.

MALATIAN, Teresa. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade.** Bauru: Edusc/Fapesp, 2001.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** 28ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHWARCZ, Lílian K. Moritz. **Os guardiões da nossa história oficial.** Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros, São Paulo: IDESP, 1989 (Serie: História das Ciências Sociais)

WEHLING, Arno. **Estado, História e Memória: Varnhagen e a Construção da Identidade Nacional.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

A formação de professores de História. A reflexão sobre a atuação do professor em sala de aula. Os métodos de ensino e conhecimento dos materiais didáticos próprios para o ensino de História em todos os níveis do ensino fundamental e médio.

BIBLIOGRAFIA:

ABUD, K. M. **Formação da alma e do caráter nacional: ensino de História na era Vargas.** Revista Brasileira de História. V. 18, n. 36, p. 106-113, 1998.

ABUD,K.M. Tempo histórico: conceito fundamental para a aprendizagem de História. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPHU/Humanitas, v.18, n.36, 1998, p.15-38.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação.** Trad. W.L. Maar.. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

BITTENCOURT, Circe e NADAI, Elza. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In: Pinsky J. (org.) **O ensino de história e a construção do fato**. São Paulo, Contexto, pp. 73-92.

BITTENCOURT, C. M. F. **Pátria, civilização e trabalho**: o ensino de História nas escolas paulistas. São Paulo: Loyola, 1990.

BRASIL. Ministério da educação e Cultura. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História e Geografia. MEC/SEF, 1997.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: 2004

LASTÓRIA, A.C. e MIZUKAMI, M.G.N. Construção de material instrucional como ferramentas para aprendizagens docentes. In: MIZUKAMI, M.G.N. e REALI, A.M.M.R.(orgs.) **Aprendizagem profissional da docência**: saberes, contextos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM CH: 60h/a

EMENTA:

Avaliação em função da totalidade do processo educativo e comprometida com a renovação desse processo. A relação entre o processo de ensino e aprendizagem e o processo de avaliação.

BIBLIOGRAFIA:

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação**: Mito e desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1996

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1998

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar**: julgamento e construção. 7º edição. Ed. Vozes, 1994.

LUDKE, Menga e MEDIANO, Zélia (coord.) **Avaliação na escola de 1º grau**: uma análise sociológica. 4a. edição. Editora Papyrus, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação**: do “é proibido renovar” ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Liberdade, 1998.

6º SEMESTRE

HISTORIA CONTEMPORÂNEA I CH: 60h/a

EMENTA:

A Revolução francesa no século XVIII. A Revolução Industrial. A pós-revolução francesa. As relações Estado/Sociedade de fins do século XVIII ao início do século XX. O período napoleônico. A formação e consolidação dos estados nacionais. As identidades nacionais. Os nacionalismos. O socialismo. As revoluções liberais na Europa. A cultura e a sociedade de consumo. O mundo do trabalho e o movimento operário. O imperialismo.

BIBLIOGRAFIA:

BENJAMIN, César. **Marx e o Socialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BLOND, Georges. **Napoleão: os cem dias**. 1ª ed. São Paulo: Casa Jorge Editorial. 1998.

BOITO JR, Armando. (org.). **A Comuna de Paris na História**. São Paulo: Xamã/CEMARX-IFCH-UNICAMP, 2001.

DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais**. São Paulo: Record, 2002.

FURET, François. **Pensando a revolução francesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1889.

HOBBSBAWN, Eric. **A era das revoluções**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBBSBAWN, Eric J. **A Era do Capital**. 1848 –1875. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOBBSBAWN, Eric J. **A Era dos Impérios**. 1875 – 1914. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução francesa à Primeira Guerra**. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SOBOUL, Albert. **A revolução francesa**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operaria inglesa II – A maldição de adão**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operaria inglesa III – A força dos trabalhadores**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

WEBER, Eugene Joseph. **França Fin de Siecle**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Cia das Letras: 1998.

ÉTICA CH: 90h/a

Conceito de Ética; Ética e Moral; Concepções Éticas; A Ética Educacional. A Ética na Formação do Educador e Ética e a Transversalidade do Ensino, Educação Ambiental: origem, princípios, fundamentos.

Bibliografia:

CATÃO, F. **A pedagogia ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GOERGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

NALINI, J. R. **Ética geral e profissional**. 4ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.

NOVAES, A. (org.) **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, L. T. et al. **Ética em três dimensões**: Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2000.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SÁ, A. L. de. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas, 1998.

KOFF, E. D. **A questão ambiental e o ensino de ciências**. Goiânia: Editora da UFG, 1995

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papyrus, 2001.

HISTÓRIA DO BRASIL REPUBLICA II CH: 60h/a

EMENTA:

O movimento cultural modernista e a questão da identidade nacional. O tenentismo e os movimentos políticos de 22 e 35. O cangaço. A ruptura com a política das Oligarquias. O movimento de 30 e o início da era Vargas. O integralismo. O Movimento de 32. A Implantação do Estado Novo. O contexto internacional e o país. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. A redemocratização. O novo governo de Vargas.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Loyola, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e Revolução Brasileira**. São Paulo: Brasiliense: 1992.

BOMENY, Helena (org.) **A Constelação Capanema**. Rio de Janeiro: FGV/EDUSF, 2001.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Vol 1: O tempo do Liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Vol 2: O tempo do Nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GARCIA, Eugenio Vargas. **O Brasil e a Liga das Nações (1919-1926)**. Porto Alegre: UFRGS/Fundação Alexandre Gusmão, 2000.

LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Perez. (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: UNESP, 2003.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil – Republica: da Belle Époque à Era do Rádio**. Vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Getulio a Castelo (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HISTÓRIA DO PIAUÍ I CH: 60h/a

EMENTA:

O Piauí no contexto do Brasil Colonial. A ocupação do território e os confrontos com os indígenas. A colonização e violência no sertão. A economia do gado. A sociedade e as redes familiares. As relações sociais no escravismo. O Piauí na primeira metade do século XIX. As lutas pela independência e o Império. A confederação do Equador. A Balaiada.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, João Renor F. de. **Resistência indígena no Piauí colonial**. Imperatriz: Ética, 2005.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A elite colonial piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII**. Teresina: Edufpi, 1999.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História da Independência no Piauí**. Teresina: Fundape, 2006.

CHAVES, Joaquim. **O Piauí nas lutas da independência do Brasil**. Teresina: Fundape, 2006.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Balaíos e Bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. Teresina: Instituto don Barreto, 2002.

DIAS, Claudete Maria Miranda. O outro lado da História: o processo de independência no Brasil visto pelas lutas no Piauí 1789-1850. In: EUGENIO, João Kennedy. (org.). **História de vario feito e circunstancia**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

FALCI, Miridan Brito Knox. **Escravos do sertão**: Demografia, trabalho e relações sociais. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

MACHADO, Paulo Henrique Couto. **As trilhas da Morte**: extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia hidrográfica paraibano-piauiense. Teresina: Corisco, 2002.

MOTT, Luiz. R. B. **Piauí Colonial**: população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

SILVA, Reginaldo Miranda da. **Aldeamentos dos Acoroás**. Teresina: COMEPI, 2003.

ESTÁGIO OBRIGATÓRIO I CH: 75h/a

EMENTA:

O processo de formação e a trajetória da profissionalização docente e suas instancias constitutivas; Laboratório e oficinas de: Planejamento, ação docente e avaliação; Construção de materiais didáticos; Utilização das novas Tecnologias em educação (internet/TV Escola)

BIBLIOGRAFIA:

7º SEMESTRE

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA II CH: 60h/a

EMENTA:

O pensamento econômico do século XX. A sociedade mundial do início do século XX. A primeira guerra mundial. As revoluções pós-guerra na Rússia e na Alemanha. A grande depressão americana de 1933 e o New Deal. A ascensão do Fascismo na Itália e do Nazismo na Alemanha. O anti-semitismo. Os conflitos entre guerras A segunda guerra mundial.

BIBLIOGRAFIA:

BROUE, Pierre. **A Revolução Espanhola**: 1931 – 1939. São Paulo: Perspectiva, 1992. (coleção: Khronos)

COGGIOLA, Osvaldo. **Segunda Guerra Mundial**: Um balanço histórico. São Paulo: Xamã, 1995.

EKSTEINS, Modris. **Sagração da Primavera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

GRAND, Alexander J. de. **Itália Fascista e Alemanha Nazista**: o estilo “fascista” de governar. São Paulo: Madras, 2005.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Cia das Letras: 1997.

HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. 2ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

JENKINS, Roy. **Roosevelt**. Rio de Janeiro: 2005.

LOUREIRO, Isabel. **A revolução Alemã 1918 1923**. São Paulo: Unesp, 2005.

MACHADO, Aimbere, Araken. **O V da Vitória**: II Guerra Mundial. Florianópolis: Insular, 2005.

RODRIGUES, Luis C. Barreto. **A primeira guerra mundial**. São Paulo: Atual, 1994 (coleção discutindo a história)

REED, John. **Os dez dias que abalaram o mundo**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

HISTÓRIA DO BRASIL REPUBLICA III CH: 60h/a

EMENTA:

O Brasil pós 1954. O estado nacional desenvolvimentista. O Brasil dos anos 60, sociedade, cultura e contra cultura. O regime militar e a resistência sócio-cultural. A sociedade brasileira no contexto político internacional.

BIBLIOGRAFIA:

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Vol 3: O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Vol 4: O tempo da Ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIGUEIREDO, Angelina. **Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política**: 1961-1964. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GASPARI, Elio. **Coleção Ditadura**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **O fim da ditadura militar**. São Paulo: Contexto, 2001.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar**: esquerdas e sociedades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz (coord.) **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SKIDMORE, Thomas. **De Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Relações Internacionais do Brasil**. De Vargas a Lula. Editora Fundação Perseu Abramo. 2003.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

A pesquisa histórica situada em termos das estratégias e técnicas utilizadas para coleta de dados e das diferentes modalidades da pesquisa em história. Reflexões epistêmicas sobre história, fotografia e o cinema. Relações entre história, imagem e memória. História oral. As imagens como fontes históricas

BIBLIOGRAFIA:

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Usos & Abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: História entre certeza e inquietude. Trad. Patrícia Chiottoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências Humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HUNT, Linn. **A Nova História Cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão[et al.] 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; MONTEIRO, Jaislan Honório. Fotogramas táticos: O cinema marginal e suas táticas frente às formas dominantes de pensamento. In:

NASCIMENTO, Francisco Alcides; VAINFAS, Ronaldo. **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RAMOS, Alcides Freire. **Para um estudo das representações da cidade e do campo no cinema brasileiro (1950-1968)**. In: Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia, vol 2, ano II, n 2, abr-jun, 2005

REIS, Flávio. **Cenas Marginais: Fragmentos de Glauber, Sganzerla e Bressane**. São Luis: Lithograf, 2005.

HISTÓRIA DO PIAUÍ II CH: 60h/a

EMENTA:

O lugar do Piauí no Império: a segunda metade do século XIX. O contexto sócio econômico e os projetos. As relações escravistas. Os movimentos sociais e a pobreza. A questão religiosa. A sociedade e a urbanização no início e ao longo do século XX. O pensamento literário. O Piauí durante o regime militar. O contexto atual.

Bibliografia:

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e Pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina 1877-1914**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. O poder local: as oligarquias e a composição parlamentar na assembleia e na câmara federal. (1982-1995). In: EUGENIO, João Kennedy. (org). **História de vario feito e circunstancia**. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

CARDOSO, E. B. **Múltiplas e singulares: História e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2004.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**. São Paulo: Annablume, 2004.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. 2ª Ed. Recife: Edições Bagaço. 2005.

EUGENIO, João Kennedy. Missionários da Civilização: Arthur Neiva e Belisario Pena. no Sertão do Piauí. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de; EUGENIO, João Kennedy. (orgs.). **Gente de longe: histórias e memórias**. Teresina: Halley, 2006.

LIMA, Solimar O. **Braço Forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí 1822-1871**, Passo Fundo: Edupf, 2005.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o Fogo**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2004.

NUNES, Maria Cecília S. de A. Trama e poder: trajetória do Republicanismo no Piauí (1870-1894). In: EUGENIO, João Kennedy. (org). **História de vario feitio e circunstancia**. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

PINHEIRO, Áurea Paz. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí no início do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

QUEIROZ, Teresinha de J. M. **Economia Piauiense**: da pecuária ao extrativismo 2ª Ed. Teresina: EDUFPI, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a Republica**. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O carnaval em Teresina. In: EUGENIO, João Kennedy. (org). **História de vario feitio e circunstancia**. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

SANTOS NETO. Antonio Fonseca dos. A invenção da UFPI: elementos estruturantes e interfaces do poder. In: EUGENIO, João Kennedy. (org). **História de vario feitio e circunstancia**. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

VILHENA, Marcos Aurélio G. **Vôo de Ícaro**: tensões e drama de um industrial no sertão. Teresina: Halley, 2006.

ESTÁGIO OBRIGATÓRIO II CH: 90h/a

EMENTA:

Projeto de Estagio; Estagio observacional escolar (Ensino Fundamental e Médio) e não escolar.

BIBLIOGRAFIA:

8º SEMESTRE

TCC I (Monografia I) CH: 60h/a

EMENTA:

Produção do conhecimento histórico. Operacionalização das fontes e teorização da pesquisa. Elaboração do projeto de pesquisa para realização do trabalho monográfico para conclusão do curso.

BIBLIOGRAFIA:

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamento, resumos, resenhas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____, ANDRADE, Maria Margarida de. **Manual de elaboração de referências bibliográficas**. São Paulo: Atlas, 2001.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**: elementos de metodologia do trabalho científico. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HISTÓRIA DAS AMÉRICAS I CH: 60h/a

EMENTA:

O confronto cultural entre europeus e nativos. A conquista e colonização da América Latina pelo europeu. A resistência indígena. A igreja e a inquisição. O processo de colonização da América do Norte e a independência das 13 colônias norte americanas.

BIBLIOGRAFIA:

BERNARD, Carmen; GRUNZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo**: da descoberta a conquista, uma experiência européia. (1492 – 1550) São Paulo: Edusp, 1997.

BETHELL, Leslie. (org.). **América Latina Colonial**. São Paulo: Edusp, Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1997.

FAVRE, Henri. **A Civilização Inca**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.

GENDROP, Paul. **A Civilização Maia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

GERBI, Antonello. **O novo mundo**: história de um polemica 1750 – 1900. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos**. Da colônia a independência. São Paulo: Contexto, 1992.

MCCULLOUGH, David. **1776**: a história dos homens que lutaram pela independência dos Estados Unidos. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

O'GORMAN, Edmundo. **A Invenção da América**. São Paulo: Edunesp, 1992.

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, Robert D. **América Latina na Época Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

SOUSTELLE, Jacques. **A civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

GESTÃO EDUCACIONAL E EMPREENDEDORISMO CH: 60h/a

EMENTA:

Teorias de administração. Administração na escola. O processo administrativo e sua dimensão político-pedagógica. O processo empreendedor. Gestão empreendedora. Perfil do empreendedor contemporâneo. Identificação de oportunidades.

BIBLIOGRAFIA:

COLOMBO, S. S. et. al. **Gestão educacional:** uma nova visão. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEGEN, R. *O empreendedor.* São Paulo: Makro Books, 1990.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

_____. **Transformando idéias em negócios.** Rio de Janeiro: Campus.

OPTATIVA II CH: 60h/a

ESTÁGIO OBRIGATÓRIO III CH: 120h/a

EMENTA:

Projeto de estagio; Estagio de Regência no Ensino Fundamental

BIBLIOGRAFIA:

9º SEMESTRE

HISTÓRIA INDÍGINA CH: 60h/a

EMENTA:

Povos indígenas no Brasil. O indígena e a invenção do cotidiano. Processos de produção cultural. Táticas e estratégias de resistência. Atual panorama da questão indígena no cenário brasileiro.

BIBLIOGRAFIA:

BORGES, Jovina Freitas. **A História Negada:** em busca de novos caminhos. Teresina, PI: FUNDAPI, 2004.

CARVALHO, João Renor F. de. **Resistência indígena no Piauí colonial.** Imperatriz: Ética, 2005.

CUNHA, Manuela C. da. **História dos Índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras e Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

GOMES, Mércio Pereira. **Os Índios do Brasil**. 2. edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

GRUPIONI, Luís Donisete B. (org.). **Índios no Brasil**. Brasília: Mari, 1994.

RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de A. **A fundação do Brasil**: testemunhos, 1500 - 1700. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Os Índios e a civilização**. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SILVA, Araci Lopes da; GRUPIONI, Luíz Donisete B. (Orgs.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 10 e 20 graus. MEC/ MARI/ UNESCO, 1995.

HISTÓRIA DA ÁFRICA CH: 60h/a

EMENTA:

Estudo das diferentes estruturas sócio-políticas da África entre os séculos XVI e XX, os processos de constituição dos sistemas coloniais e de descolonização. Resistência ao imperialismo e conflitos ideológicos. A África contemporânea: contrastes e conquistas sociais.

BIBLIOGRAFIA:

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

COSTA E SILVA, Alberto da Costa. **A enxada e a lança**: a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FERRO, Marc (org). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HERNANDES, Leila Leite. **África na sala de aula**. São Paulo: Summus Editorial/Selo Negro, 2005.

KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África**. São Paulo: Ática, 1988.

L'ESTOILE, Benoit (org). **Antropologia, Impérios e Estados Nacionais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

LOVEJOY, Paul. **A escravidão na África**: uma história das suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVER, Roland. **A experiência africana**: da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

SANTIAGO, Theo. **Descolonização**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

SCHERMANN, Patrícia Santos. **Dimensões da História da África contemporânea**. Rio de Janeiro: FEUC, 2002.

THORTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

YOUNG, Robert. **Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça**. São Paulo: perspectivas, 2005.

WESSLING, Henry. **Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Revan, 1998.

HISTÓRIA DAS AMÉRICAS II CH: 60h/a

EMENTA:

O processo de construção das identidades nacionais na América pos independência. A formação dos Estados nacionais na América nos séculos XIX e XX. A história política e social. A economia. A cultura. A urbanização. O imperialismo dos EUA.

BIBLIOGRAFIA:

AGGIO, Alberto; LAHUERTA, Milton. **Pensar o século XIX: problemas políticos e história nacional na América Latina**. São Paulo: Unesp, 2003.

ALMEIDA, Jaime. (org.) **Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico**. Brasília: ANPHLAC, 1998.

BETHELL, Leslie. (org.). **História da América Latina: da independência até 1870**. vol. 3. São Paulo/Brasília; Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Funag, 2001.

BETHELL, Leslie. (org.). **História da América Latina: de 1870 a 1930**. vols. 4 e 5. São Paulo/Brasília; Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Funag, 2001.

BONFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

COGGIOLA, Osvaldo. **América Latina: Encruzilhada da História Contemporânea**. São Paulo: Xamã, 2003.

JANCSO, Isvan. A construção dos Estados Nacionais na América Latina: Apontamentos para o estudo do Império como Projeto In: SZMRECSANYI, Tamas; LAPA, J. R. Amaral. (org.) **História Econômica da Independência e do Império**. São Paulo: Edusp, 2002.

MORSE, Richard. **Espelho de prospero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Cia das Letras. 1998.

PINSKY, Jaime; JUNQUEIRA, Mary A. **Estados Unidos: a consolidação da nação**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção: repensando a história)

PINSKY, Jaime; COGGIOLA, Osvaldo. **Governos Militares na América Latina**. São Paulo: Contexto: 2001.

TCC II (Defesa de Monografia) CH: 60h/a

EMENTA:

Elaboração da Monografia. Revisão teórica e metodológica sobre a temática. Compreensão do estado da arte do conhecimento. Socialização do trabalho Monográfico.

BIBLIOGRAFIA:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informações e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____.NBR 10520. Informações e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____.NBR 14724. Informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____.NBR 6024. Numeração progressiva das seções de documento. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamento, resumos, resenhas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**: elementos de metodologia do trabalho científico. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS CH: 60h/a

EMENTA:

Familiarização do licenciando com o mundo da surdez. O sujeito surdo em um mundo ouvinte. Apresentação e desenvolvimento da língua brasileira de sinais. Libras como língua legítima da comunidade surda e os sinais como alternativa natural para a expressão lingüística. A língua portuguesa como uma segunda língua.

BIBLIOGRAFIA:

AHLGREEN, I. & HYLSTENSTAM, K. (eds). **Bilingualism in deaf education**. Hamburg: signum-verl., 1994.

Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade, (1994: Salamanca). **Declaração de Salamanca, e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. 2. ed. – Brasília: CORDE., 1997.

QUADROS, R.M. Aquisicao de L1 e L2: o contexto da pessoa surda. Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos. Rio de Janeiro: INES, 1997.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediacao, 1998.

ESTAGIO OBRIGATÓRIO IV CH: 120H/A

EMENTA:

Projeto de Estagio; Estagio de Regência no Ensino Médio

BIBLIOGRAFIA:

OPTATIVAS

HISTÓRIA DAS AMÉRICAS III CH: 60h/a

EMENTA:

Problemas recentes da América Latina. A evolução do pensamento intelectual e político da América Latina e anglo-saxônica. O papel dos organismos financeiros e sociais no desenvolvimento da América Latina: A aliança para o progresso, a CEPAL, o MERCOSUL e a ALCA. Fenômenos políticos peculiares ao longo dos séculos: o peronismo, o sandinismo, o zapatismo.

BIBLIOGRAFIA:

AYERBE, Luis Fernando. **Os Estados Unidos e América Latina**: a construção da hegemonia. São Paulo: UNESP, 2002.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: UNESP, 2004.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. **A América latina entre a segunda Guerra e a Guerra Fria**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: Record, 2000. Vol. I e II.

FURTADO, Celso. **Fantasia Organizada**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova História. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

NEIBURG, Federico. **Os Intelectuais e a invenção do Peronismo**. São Paulo: Imprensa Oficial de SP, 1997.

PHILLIPS, Kevin, **A dinastia Americana**. São Paulo: Madras, 2004.

ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

SCHILLING, Voltaire. **Estados Unidos e América Latina da doutrina Monroe à ALCA**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

HISTÓRIA DO PIAUÍ III CH: 60h/a

EMENTA:

As diferentes perspectivas da história do Piauí em épocas diversas. Questões religiosas, políticas, sociais, econômicas e culturais. A produção historiográfica a partir de diferentes abordagens.

BIBLIOGRAFIA:

BONFIM, Washington. **Mudança Social no Piauí**. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: subsídios para a história e geografia do Brasil. Imperatriz: Ética, 2000.

CARVALHO, Miguel. **Descrição do Sertão do Piauí 1697**. Teresina: IHGP, 1993.

DOURADO FILHO, Eurípedes de. **Questão religiosa no Piauí**: a influencia da imprensa piauiense no conflito entre a Igreja e a Maçonaria no período de transição Império/Republica. Teresina: Edufpi, 1991.

MEDEIROS, Kátia Maria Cabral. et all. **Catolicismo e Experiência religiosa no Piauí**. São Paulo: Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A revolução de 30 no Piauí - 1929-1930**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina: 1994.

QUEIROZ, Teresinha. **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998.

SANTANA, R. N. Monteiro. (org). **Apontamentos para a história Cultural do Piauí**. Teresina: FUNDAPE, 2003.

SANTANA, R. N. Monteiro. (org). **Piauí**: formação, desenvolvimento, perspectiva. Teresina: Halley, 1995.

HISTÓRIA DAS REVOLUÇÕES REGIONAIS NO BRASIL CH: 60 h/a

EMENTA:

Os movimentos de sublevação regional no Brasil. As revoltas do período Imperial: 1º reinado e regência. Os movimentos do Período republicano: da republica velha ao estado novo. O período pós segunda guerra até o movimento de 64.

BIBLIOGRAFIA:

DONATO, Hernani. **História da Revolução de 32**. São Paulo: Ibrasa, 2002.

RODRIGUES, Luis Flavio. **Vozes do Mar: O movimento dos Marinheiros e o Golpe de 64**. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHULER, Donald. **Império caboclo**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **A Balaiada**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARSON, Izabel A. **O Império do Progresso: A revolução praieira**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MONTEIRO, Hamilton de M. **O nordeste insurgente**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatay. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PINHEIRO, Luis Balkar Sá Peixoto. **Visões da Cabanagem**. Manaus: Valer, 2001.

SAMPAIO, Consuelo Novais (org.). **Canudos: cartas para o Barão**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

SOUZA, Paulo César. **A Sabinada: a revolta separatista da Bahia (1837)** São Paulo: Brasiliense, 1998.

LITERATURA, TEATRO E HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

A literatura e sua relação com a história. Os diálogos a apropriação e a pratica dos discursos comuns a ambos. As diferentes formas de manifestação do Teatro e sua interação com a História na construção do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA:

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.

CAMPELO, Aci. **O novo perfil do teatro piauiense**. (1950-1990). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1993.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Aspectos da literatura piauiense**. Teresina: Edufpi, 1993.

CHALHOUB, Sidney & FERREIRA, Leonardo. (orgs.). **A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FARIA, João Roberto. **José de Alencar e o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FARIA, João Roberto. **Teatro de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOURA, Francisco Miguel. **Literatura no Piauí**. Nova Serie. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2002.

PRONKO, Leonardo C. **Teatro**: Leste e Oeste. São Paulo: Perspectiva, 1986.

QUEIROZ, Teresinha. **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

ROSENFELD, Anatol. **História da Literatura e do Teatro alemães**. São Paulo: Perspectiva. 1993. (coleção: debates)

MEMÓRIA E HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

Memória e História conceitos e perspectivas de compreensão. Interação e apropriação de métodos. Perspectivas de estudos no campo cultural. A identidade e a memória. Matrizes de entendimento do trabalho com a memória: A história Oral, A história de vida, A biografia, A ego história.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de; EUGENIO, João Kennedy. (orgs.). **Gente de longe**: histórias e memórias. Teresina: Halley, 2006.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 2ª ed. São Paulo: USP, 1987.

DE DECCA, Edgar. **1930**: o silêncio dos esquecidos: história, memória e revolução. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FAUSTO, Boris. **Memória e História**. São Paulo: Graal, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Venice, 1990.

LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma. **Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul. Edunisc. 2000.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: 3ª ed. A cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós Graduandos em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1993, p. 17-28.

POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, V. 5, nº 10, p. 200-215, 1992.

THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: **A voz do passado**. História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 197-216.

CIDADES E HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

A idéia de cidade. As diferentes abordagens sobre cidade desde o campo cultural até o social. As principais matrizes teóricas metodológicas para investigação sobre a cidade. Diferentes perspectivas bibliográficas de estudo sobre a cidade.

BIBLIOGRAFIA:

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

DELFANTE, Charles. **A grande história da Cidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

FENELON, Dea Ribeiro. **Cidades: pesquisa em História**. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

FIGUEIREDO, Diva Maria Freire. Arquitetura e Urbanismo no Piauí: formação e identidade. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de; EUGENIO, João Kennedy. (orgs.). **Gente de longe: histórias e memórias**. Teresina: Halley, 2006.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **A cidade na antiguidade clássica**. São Paulo: Atual, 2006.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na História**. 4ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (orgs.). **História, Cidade e Memória**. Teresina 150 anos. Teresina: Edufpi, 2004.

QUEIROZ, Tereza Aline Pereira. **Cidades Renascentistas**. São Paulo: Atual, 2005 (coleção: a vida no tempo)

RAQUEL, Rolnik. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Epoque (1870-1912)**. 2ª Ed. Belém: Paka-tatu, 2002.

CULTURA MATERIAL E HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

O que é Cultura Material. O entendimento da cultural material e as praticas indígenas. As diferentes abordagens teórico-metodológicas dos estudos etnológicos sobre cultura material.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Regina Maria do Rego M. **A fabricação do imortal**. Rio de Janeiro: Rocco/Livros Lapa, 1996.

FARIAS, Juliana Barreto. et. all. **Cidades Negras**. São Paulo: Alameda, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo de A. (org). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas: UNICAMP, 1998. (coleção idéias)

GINZBURG, Carlo. “Sinais – raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 143-179.

HORCADES, Carlos M. **A Evolução da escrita: história ilustrada**, Rio de Janeiro: Senac, 2004.

OLIVEIRA Jr. Gerson Augusto de. **Torém: brincadeira dos índios velhos**. São Paulo: Annablume. 1998.

ORSER, C. E. **Introdução a Arqueologia Histórica**. Rio de Janeiro: Oficina de Livros: 1992.

PINSKY, Carla Bassanezi. et. all. **O Brasil que os europeus encontraram**. São Paulo: Contexto, 2002.

van VELTHEM, L. H. **A pele de tuluperê**. Museu Paraense Emilio Goeldi. 1998.

VIDAL, L. B. **Grafismo Indígena**. São Paulo, Studio Nobel/FAPESP/EDUSP, 1992.

GÊNERO E HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

A sexualidade na perspectiva da História em diferentes épocas. A modelagem cultural do sexo. O feminismo. Corporalidades e identidades sexuais. A construção do conhecimento sobre sexualidade no Brasil. Movimentos políticos e sociais contemporâneos.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE Jr. Durval M. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. 2ª Ed. Recife: Edições Bagaço. 2005.

CATONNE, Jean Philippe. **Sexualidade, Ontem e Hoje**. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCALT, Michel. **Historia da Sexualidade**. São Paulo: Graal, Vol. I, II e III.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um Toque de Gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: UNB, 2003.

PRIORE, Mary del. (org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: contexto, 1998.

SÂMARA, Enir de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: Homens e mulheres e a prática histórica**. São Paulo: Edusc, 2003.

VAINFAS, Ronaldo (org.) **História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

PRÉ-HISTÓRIA CH: 60h/a

EMENTA:

As sociedades pré-históricas no mundo, no Brasil, na América, e no Nordeste. A diversidade cultural dessas sociedades. O patrimônio arqueológico. A preservação. O ensino e aprendizagem da história pré-colonial brasileira.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de S., SPENCER, Walter Barros. Projeto Arqueológico: o homem das dunas. **CLIO** – Serie Arqueológica. Recife, nº 10, 1994, UFPE.

BRAIDWOOD, Robert. J. **Homens pré-históricos**. Brasília: Unb, 1985.

CUNHA, Manoela Carneiro. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras. 1992.

PINSKY, Jaime et all. **Pré-História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

MARTIN, Gabriela. **Pré História do Nordeste do Brasil**. 3ª Ed. Recife: Edufpe, 1999.

MEGGERS, Betty J. **América pré-histórica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. 5ª Ed. São Paulo: Circulo do Livro, 1988.

PROUS, André. **Brasil antes dos brasileiros: a Pré-História de nosso país**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Rosicler. **Homem na Pré-História**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Desafios)

TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

9.4 Estrutura do bloco e trabalho de conclusão de curso - TCC

Para atender satisfatoriamente à nova estrutura curricular definiu-se o bloco curricular como obrigatoriedade de matrícula em todas as disciplinas do período letivo, pertencentes ao bloco, definidas na organização da matriz curricular do Curso. Esta exigência é necessária para que se possa propiciar ao Professor maior Interdisciplinaridade no exercício da prática docente, tendo em vista que com esta ação será facilitada a articulação inter e intra bloco. Além disso, apresenta as seguintes características:

- Permite a constituição de turmas com número regular de alunos;
- Propicia a regularização do fluxo curricular dos alunos, levando-os a concluir o Curso em tempo hábil;
- Facilita o acompanhamento pedagógico do currículo e o planejamento da oferta de disciplinas a cada período letivo;
- Recupera politicamente o significado de Turma, pois um grupo de alunos que inicia o Curso juntos, tem a garantia de realizá-lo e concluí-lo no mesmo grupo, possibilitando a criação de laços afetivos e políticos, benéficos para a consolidação da cidadania.

Considerando as características relacionadas, algumas observações devem ser anotadas, para dirimir possíveis dúvidas.

Em caso de reprovação em uma e até duas disciplinas, será facultado ao aluno a sua matrícula nas disciplinas do Bloco seguinte que não tenham impedimento. No caso de reprovação em mais de duas disciplinas o aluno ficará impossibilitado de cursar o Bloco seguinte, devendo cursar apenas a(s) disciplina(s) em que foi reprovado, mas poderá cursar disciplina optativa ou eletiva, bem como realizar Estudos Independentes. O aluno poderá, ainda, cursar ou fazer o aproveitamento de estudos em até 120 (cento vinte) horas, (oito créditos), em Disciplinas Eletivas, ao longo do Curso, em horário compatível com a sua disponibilidade.

O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC será elaborado pelo aluno, sob a orientação de um professor do Curso, tendo como objeto de investigação questões referentes aos estudos históricos e a prática docente, exigindo-se uma exposição oral do Trabalho. As normas específicas de desenvolvimento do TCC serão detalhadas em regimento próprio a ser aprovado pelo Colegiado do Curso.

O aluno de História só estará habilitado a receber sua Colação de Grau quando integralizar a carga horária prevista, contemplando todas as disciplinas do Curso, incluindo a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso.

O título acadêmico a ser conferido ao concludente do Curso de História da UFPI será o de

Licenciado em História.

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) CURSO DE HISTÓRIA DA UFPI

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) representa uma exigência do Conselho Nacional de Educação, Resolução CNE nº 13, de 13/03/2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em História Licenciatura Plena. No Artigo 12 da referida resolução lê-se: “Para conclusão do Curso de Graduação em História Licenciatura Plena o aluno deverá elaborar um trabalho sob orientação docente”.

A pesquisa é fundamental para a formação profissional do indivíduo, pois a sociedade contemporânea requer profissionais com conhecimento do método científico, razão pela qual o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de História da UFPI tem como objetivo principal buscar respostas para questões que existem na prática do fazer historiográfico do docente.

O TCC é o espaço curricular destinado à realização de pesquisa e/ou publicação científica, representando a culminância da produção intelectual do aluno. O trabalho consiste do estudo de um tema delimitado, objetivando o aprofundamento do conhecimento como forma de contribuir para o segmento em que se insere. Para desenvolvê-lo é preciso que o aluno esteja preparado para trabalhar intelectualmente, podendo desenvolver o estudo, a leitura e a documentação pessoal com relativa autonomia. Desta forma é importante estabelecer uma sistemática de trabalho que contemple horas de leitura e reflexão sobre o tema pesquisado, horas de pesquisa de campo e investigação e horas de orientação individual e/ou coletiva.

Este regulamento indica os procedimentos para o planejamento, orientação, execução e apresentação do TCC, que resulta em um documento de caráter científico com objetividade, clareza, precisão, imparcialidade, coerência e consistência, cujo enfoque é específico da área de História.

CAPÍTULO I – DO CONCEITO

Art. 1º - O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade de integração curricular obrigatória do Curso de História da UFPI. Consiste de um trabalho, de formatação científica, abordando temas pertinentes, a ser elaborado pelo aluno sob a orientação de um professor e aprovado pelo Colegiado do curso de História.

Art. 2º - O TCC poderá ser um trabalho de revisão bibliográfica, uma pesquisa de cunho documental e/ou de campo, desde que com efetiva participação do(s) aluno(s) e atenda as normas constantes neste regulamento.

Parágrafo Único - Não será permitida a orientação de trabalhos semelhantes, por um mesmo orientador, para alunos do mesmo período. Caberá ao Colegiado do curso o julgamento do tema dos trabalhos e a não aceitação da inscrição de um ou mais TCC semelhantes.

CAPÍTULO II – DOS OBJETIVOS

Art. 4º - O TCC é um trabalho científico que tem por finalidade propiciar ao aluno:

- I - estímulo à produção científica;
- II - aprofundamento temático numa área do curso de graduação;
- III - dinamismo das atividades acadêmicas;
- IV - desenvolvimento de sua capacidade científica e criativa na área de interesse;

- V - realização de experiências de pesquisa e extensão;
- VI - correlacionamento entre teoria e prática;
- VII - interação entre o Corpo Docente e Discente.

CAPÍTULO III – DA COORDENAÇÃO

Art. 5º - A coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de História da UFPI cabe ao Colegiado do Curso.

Art. 6º - À Coordenação do TCC compete:

- I - divulgar as normas do TCC para todos os alunos a partir do 7º período do curso e aos professores no início do planejamento para inscrição de TCC;
- II - divulgar os nomes dos professores orientadores do TCC com suas respectivas disponibilidades de vagas para orientação e áreas de conhecimento;
- III - divulgar, caso seja pertinente, outras normas que passarão a compor o TCC
 - IV - formalizar a escolha dos orientadores e seus respectivos orientandos;
 - V - elaborar o calendário de inscrição do TCC e da apresentação do trabalho final, compatível com o calendário acadêmico;
 - VI - aprovar a inscrição dos trabalhos no TCC;
 - VII - cuidar para que o calendário seja rigorosamente cumprido;
 - VIII - convocar, quando necessário, reunião com os professores orientadores e/ou orientandos;
 - IX - mediar se necessário, as relações entre professor orientador e orientando(s);
 - X - avaliar possíveis desistências de professores orientadores;
 - XI - receber dos orientadores a redação final dos TCC e encaminhá-la para a Banca Examinadora;
 - XII - designar as Bancas Examinadoras;
 - XIII - analisar a indicação e pertinência da participação, na Banca Examinadora, de examinador externo à UFPI;
 - XIV - receber as avaliações dos orientandos pelo orientador e os resultados da Banca Examinadora;
 - XV - receber o TCC em sua forma final e definitiva para arquivamento e encaminhamento à Biblioteca.

CAPÍTULO IV - DOS REQUISITOS GERAIS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 7º - O TCC deverá ser desenvolvido individualmente.

Art. 8º - A inscrição será em formulário próprio (Apêndice I) e entregue à Comissão do TCC para aprovação.

§ 1º - Os alunos deverão se inscrever no início do 8º período do curso, em datas a serem determinadas e divulgadas pela Comissão do TCC.

§ 2º - A aprovação da inscrição pela Comissão é requisito para o início e o desenvolvimento do TCC.

Art. 9º - O TCC compõe-se de:

- I - formulário de inscrição;
- II - trabalho final redigido na forma de Monografia, de acordo com as normas

deste regulamento e de seus apêndices;

III - apresentação pública do TCC perante uma Banca Examinadora;

IV - formulários de avaliação de desempenho dos orientandos pelo orientador.

Art. 10 - O TCC poderá ser desenvolvido com a participação de um professor co-orientador, indicado pelo professor orientador, que o auxiliará nos aspectos relacionados com o desenvolvimento do trabalho.

Art. 11 - Após aprovação da inscrição, a mudança do tema somente ocorrerá com aprovação do orientador, mediante elaboração de uma nova inscrição; em caso de mudança de orientador a aprovação deverá ser feita pela Comissão.

Art. 12 - O TCC deverá ser elaborado de acordo com as normas de redação adotadas pela UFPI.

CAPÍTULO V - DA ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 13 - Deverão ser orientadores de TCC os professores efetivos do curso de História da UFPI e, demais docentes da Instituição desde que com conhecimento na temática a ser desenvolvida.

Art. 14- A designação do orientador será feita no 6º. Período.

Art. 15 - Poderão ser co-orientadores os docentes da UFPI ou de outras Instituições de Ensino Superior desde que sejam aprovados pela Comissão.

Parágrafo Único - O co-orientador externo à UFPI, deverá preencher os seguintes requisitos:

I - conhecer o regulamento do TCC do curso de História da UFPI;

II - apresentar *curriculum vitae* (no formato Lattes) documentado;

III - assinar a ficha de inscrição do TCC juntamente com o orientador.

Art. 16 – Cada professor poderá orientar no máximo 3 (três) TCC.

Art. 17 - O orientador e o co-orientador, se houver, deverão assinar o termo de compromisso constante na inscrição do TCC para cada orientação e co-orientação (Apêndice I).

Art. 18 - A desistência por parte do orientador será por ele formalizada, mediante documento dirigido à Comissão do TCC, especificando as razões da desistência e sua aprovação pela Comissão dependerá de:

I - avaliação do mérito da questão;

II - aceitação da orientação do TCC por outro orientador da mesma área de conhecimento.

Art. 19 - É responsabilidade do orientador e orientando(s) a sugestão das datas para apresentação do TCC perante a Banca Examinadora.

§ 1º - A forma final impressa do TCC deverá ser entregue com pelo menos 15 dias de antecedência em relação à data sugerida para sua apresentação.

Art. 20 - O orientador preencherá o relatório de avaliação individual do(s) orientando(s) durante o desenvolvimento do TCC e ao final do período letivo deverá encaminhá-los à Comissão do TCC.

Art. 21 - As sessões de orientação ocorrerão a critério do orientador, de forma a cumprir os prazos determinados.

Art. 22 - São atribuições do orientador de TCC:

- I - freqüentar as reuniões convocadas pela Comissão do TCC;
- II - preencher e entregar à Comissão a inscrição do TCC (Apêndice I);
- III - atender seu(s) orientando(s) em horários previamente fixados;
- IV - preencher e entregar à Comissão do TCC os formulários de avaliação do desempenho dos orientandos durante o desenvolvimento do TCC (Apêndices II e III);
- V - participar das apresentações e defesas para as quais estiver designado;
- VI - preencher e assinar juntamente com os demais membros da Banca Examinadora, a Ata de apresentação do TCC (Apêndice VIII) e entregá-la à Comissão do TCC ao final da sessão de apresentação;
- VII - cumprir e fazer cumprir este regulamento.

CAPÍTULO VI - DOS ALUNOS EM FASE DE DESENVOLVIMENTO DO TCC

Art. 23 - O(s) aluno(s) em fase de desenvolvimento de TCC terá(ão) as seguintes atribuições específicas:

- I - comparecer às reuniões convocadas pela Comissão do TCC;
- II - comparecer às sessões de orientação nos dias e horários estabelecidos;
- III - cumprir o calendário divulgado pela Comissão do TCC para a entrega do TCC e demais apêndices que o compõem;
- IV - elaborar o TCC na forma de Monografia, de acordo com o presente regulamento e as instruções do orientador;
- V - assinar a ficha de inscrição do TCC e a requisição de sua defesa juntamente com o orientador;
- VI - comparecer em dia, hora e local determinados para apresentar seu TCC;
- VII - cumprir este regulamento.

CAPÍTULO VII - DOS REQUISITOS DO TRABALHO FINAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 24 - O TCC em sua versão final para apresentação somente será aceito pela Comissão do TCC com o aval do orientador, por meio do preenchimento do formulário (Apêndice IV) solicitando sua aprovação para apresentação.

Parágrafo Único - O TCC deverá ser entregue em 04 (quatro) vias encadernadas em espiral para a Comissão, no prazo determinado pela Comissão do TCC. Caso haja co-orientador o número de vias será de 5 (cinco).

Art. 25 - A apresentação oral e pública e a defesa do TCC seguirão o calendário definido pela Comissão do TCC e o último prazo para seu depósito será de até 15 dias antes da data marcada para sua defesa.

Art. 26 - O processo de apresentação oral e da defesa obedecerá as seguintes normas:

I – vinte a trinta minutos ininterruptos para apresentação oral do TCC pelo(s) orientando(s);

II - vinte minutos para cada componente da Banca Examinadora para arguições e respostas do(s) orientando(s).

Parágrafo Único - A apresentação e a defesa do TCC deverão ser efetuadas por todos os alunos que participam do TCC.

Art. 27 - No caso de impedimento devidamente justificado, o presidente da Banca Examinadora fixará nova data de apresentação, observando o prazo constante no Art. 23.

Art. 28 - No caso de ocorrências excepcionais no decorrer da apresentação do trabalho, o presidente da Banca Examinadora poderá suspender a sessão, fixando, se necessário, nova data para a apresentação, observando o prazo constante no Art. 23.

Art. 29 - Caso o aluno não entregue o TCC no prazo determinado pela Comissão do TCC ou o trabalho seja reprovado pela Banca Examinadora, ele deverá inscrever-se novamente no TCC.

CAPÍTULO VIII - DA BANCA EXAMINADORA

Art. 30 - A banca examinadora será designada pela Comissão do TCC, sendo composta pelo orientador e dois componentes titulares e dois suplentes escolhidos de uma lista de 05 (cinco) nomes sugeridos pelo orientador.

§ 1º - Caso haja co-orientador, este não poderá ser indicado como componente da banca examinadora.

§ 2º - Somente um dos componentes da Banca Examinadora poderá ser externo à UFPI, desde que preencha os seguintes requisitos:

I - ter conhecimento do regulamento do TCC do curso de História da UFPI;

II – ser aprovado pela Comissão do TCC.

Art. 31 - O orientador presidirá a Banca Examinadora na sessão de apresentação do TCC, após a qual consolidará as avaliações emitidas pela Banca Examinadora em apêndice próprio (Apêndice VII).

Art. 32 - Compete à Banca Examinadora ao final da apresentação do TCC e após reunião entre seus componentes emitir o parecer: aprovado ou reprovado.

Art. 33 - A Banca Examinadora comprovará a sua avaliação do TCC pela apresentação de ficha de avaliação própria devidamente preenchida.

CAPÍTULO IX - DA AVALIAÇÃO DO TCC

Art. 34 - O processo de avaliação do TCC será feito, de acordo com os critérios de avaliação pré-estabelecidas pela Comissão do TCC. O concludente será avaliado pela Banca Examinadora, de acordo com o TCC na sua versão final e definitiva na sua forma escrita e oral, considerando os critérios a seguir:

I - qualidade da apresentação gráfica, redação, correção;

- II - resumo com todas as informações necessárias e adequadas ao trabalho;
- III - delimitação do tema, formulação do problema, hipótese e/ou suposição e objetivos claramente definidos;
- IV - fundamentação teórica adequada ao trabalho;
- V - idéias arroladas com a devida autoria e citações coerentes, obedecendo a formato adequado e corretamente referenciadas;
- VI - metodologia adequada e coerente com os objetivos propostos;
- VII - discussão fundamentada em teoria e coerente com os objetivos propostos;
- VIII - conclusão estabelecida de forma clara e coerente com a proposição, resultados obtidos e discussão;
- IX - bibliografia em formato adequado e coerente;
- X - qualidade do material didático apresentado e seu uso adequado;
- XI - capacidade de síntese;
- XII - apresentação de forma clara e consistente;
- XIII - utilização adequada do tempo de apresentação;
- XIV - respostas corretas e convincentes às arguições da Banca Examinadora.

Os componentes da Banca Examinadora utilizarão formulários próprios para registrar a pontuação emitida para o TCC (Apêndices V e VI).

Art. 35 - A nota final do TCC será resultado do somatório das notas dos membros da banca e sua divisão para a obtenção da média de avaliação. Será aprovado o aluno que obtiver no mínimo 7,0.

Art. 36 - O aluno que não obtiver a nota mínima de 7,0 (sete) e/ou não apresentar o TCC dentro do prazo estabelecido por motivo não justificado será considerado reprovado.

Art. 37 - A versão final e corrigida do TCC, após a sua defesa perante a Banca Examinadora, deverá ser entregue à Comissão do TCC em 02 (duas) vias impressas e encadernadas e uma em CD-ROM, dentro dos padrões deste regulamento para posterior arquivamento, até 15 dias após a apresentação oral da mesma.

Art. 38 - A aprovação do orientando será encaminhada somente após o cumprimento dos Artigos 36 e 37.

Art. 39 - Contra o resultado da avaliação final da Banca Examinadora caberá recurso ao Colegiado do Curso.

CAPÍTULO X - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 40 - Este regulamento se aplica aos alunos do Curso de História da UFPI e a sua divulgação será feita pela Comissão do TCC.

Art. 41 - Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão do TCC.

10. ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTIFICO-CULTURAIS

As **atividades complementares** (ou atividades acadêmico-científico-culturais), no total de **200 (duzentas) horas**, deverão ser cumpridas pelos alunos ao longo dos semestres letivos. Estas deverão permitir ao aluno vivenciar, no decorrer de todo o curso, atividades diferenciadas, de forma que busque um aprofundamento em suas áreas de interesse. Dessa forma, serão consideradas no cômputo das horas as seguintes atividades, desde que reconhecidas, supervisionadas e homologadas pelo Colegiado do Curso. Para fins de registro no histórico escolar do aluno devem considerar-se as seguintes atividades:

Maximo de 60 horas por atividade

1. Monitoria – 30 horas por semestre
2. Iniciação Científica – 60 horas por semestre
3. Congresso – 10 horas por congresso
4. Mini-curso – Metade da carga horária do curso (participante)
Carga horária do curso – (ministrante)
5. Feira de Ciências – Coordenador – 10 h
Participante – 5 h
6. Estágio extracurricular
 1. 20 h – para 50 a 100 h de estágio
 2. 40 h – por 100 – 200 h de estágio
 3. 60 h – mais de 200 h de estágio
7. Seminário – 1 h por seminário (ouvinte)
2 h por seminário (ministrante)
8. Curso de Extensão – igual ao mini-curso
9. Resumo publicado – 5 h por resumo
10. Artigo publicado – 15 horas por artigo

11. A INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A integração ensino, pesquisa e extensão, na forma como se vislumbra na constituição do Projeto Pedagógico para a Licenciatura em História passa pelo pressuposto de que esta relação se dá, fundamentalmente, na dinâmica de desenvolvimento das atividades acadêmicas e da vontade do corpo docente na ação interativa do projeto pedagógico.

Entende-se não ser conveniente partir de um conceito ideal de pesquisa, ensino e extensão, mas apostar na indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão como centralidade do “fazer

pedagógico da universidade”. Para as licenciaturas esta relação assume caráter de prática orientada sempre pela reflexão e ação.

Contudo, tem-se claro que a concretização desta prática de integração depende do compromisso do professor da UFPI com este trinômio, respeitando sempre sua competência intelectual. Para esta proposta curricular a pesquisa será tomada como “princípio educativo fundamental” corroborando para que a formação do licenciado em história seja profícua no que tange a sua atuação no ensino fundamental e médio. É o que se projeta como ideal para a graduação em história onde, freqüentemente, a questão do ensino era secundarizada por entendê-lo como simples transmissão de conteúdo.

Dessa forma, ensino, pesquisa e extensão colocam-se como constituintes da proposta deste projeto pedagógico que incorpora o pressuposto de que a pesquisa imbrica-se à prática pedagógica e à extensão respeitando a pluralidade de perspectivas teóricas e interesses de pesquisas para o ensino, para extensão.

12. RECURSOS

12.1 Humanos

12.1.1 Docentes

O curso de História, será ministrado pelos docentes das áreas de Ciências Humanas, notadamente, já que a maioria do elenco das disciplinas é de conteúdo histórico. As demais disciplinas curriculares serão ministradas por profissionais da área de educação e afins.

Para que haja uma maior integração entre as diversas áreas do conhecimento histórico, necessário se faz que sejam formados grupos de estudos por área para que os docentes possam entrar em sintonia com relação aos conteúdos, métodos e referencial utilizado. Para isso a Coordenação do Curso de História deverá promover semestralmente esses encontros, estabelecendo dia, horário e locais dessas reuniões.

Há, ainda, necessidade de cursos de aperfeiçoamento para o pessoal docente, para que esses atualizem seus conhecimentos, sobretudo, nas disciplinas como Metodologia da História, Filosofia da História, Métodos e Técnicas de Pesquisa.

12.2 Materiais

12.2.1 Salas de aula

Serão necessárias no mínimo 04 salas de aula para a dinâmica das aulas das disciplinas a serem ministradas no curso.

12.2.2. Outros espaços

Os cursos necessitará de no mínimo dois laboratórios: um que deverá funcionar como sala virtual, uma espécie de Laboratório de Ensino de História que deverá ter materiais e aparelhos de uso didático tais como: retroprojetores, televisão, DVD, Videocassete, Telão, notebook, scanners datashow, caixas de som, microsistemas etc e um acervo de filmes e documentários, Instrumentos esses fundamentais ao bom funcionamento de aulas teóricas e práticas, e outro laboratório de informática com bancadas, uma mesa grande central para recuperação de material iconográfico, além de computadores e scanners. Este ambiente funcionará também como laboratório de História Oral. Ambos os espaços deverão ter uma acústica que não impeça o funcionamento de outras salas, pois nestes laboratórios serão realizadas atividades com som alto e necessidade de silêncio também, no caso da realização das entrevistas, usando a técnica da história oral. Serão necessários armários de aço, filmadoras, gravadores, computadores, scanners etc., para a realização das entrevistas e arquivo das mesmas. Será necessário também um acervo bibliográfico.

12.2.3. Material bibliográfico

A bibliografia da Biblioteca do campus deverá contemplar todo o elenco de disciplinas do curso proposto, fazendo-se necessário dotá-la dos títulos indicados pelos professores.

13. AVALIAÇÃO

13.1 Da aprendizagem

A avaliação do processo ensino-aprendizagem deverá basear-se no domínio dos conteúdos e da experiências, desenvolvidas no curso, com vistas a garantir a qualidade da formação acadêmico-profissional e será ancorada na Resolução nº 043/95-CEPEX da UFPI que regulamenta a verificação do rendimento escolar.

13.2. Do currículo

Considerando o dinamismo da sociedade e as demandas da própria região onde o curso de licenciatura em História funcionará, o currículo do curso será acompanhado e permanentemente

avaliado, a fim de permitir os ajustes que se fizerem necessários a sua contextualização e aperfeiçoamento.

13.2.1 Em processo

Através da criação de núcleos de estudo por áreas do conhecimento histórico, onde professores da mesma área se reunirão mensalmente, a fim de trocarem experiências teórico-metodológicas.

Essas reuniões deverão ser acompanhadas pela Coordenação do Curso, que organizará o local e horários e receberá ao final de cada semestre um relatório dos encontros realizados por cada área, a fim de que os mesmos sejam discutidos com o conjunto dos professores do Curso de História e posteriormente no Colegiado do Curso.

13.2.2. Em produto

Será feita através de questionários, ao formar a primeira turma de licenciados, que foram formados neste currículo, e representantes de instituições empregadoras, a fim de que juntos avaliem a atuação desses profissionais no Mercado de Trabalho.

14. REFERÊNCIAS

Brasil. Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96

Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n°. 02, de fevereiro de 1999.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução n°. 01, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, 4 março 2002. Seção 1, p.8.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n°. 13, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para o curso de História. Disponível em: <<http://www.abmes.org.br/Legislac/2002/resolucao/RES-CES-13-130302htm>. > Acesso em: 10 nov. 2002.

Goiás. Universidade Federal de Goiás. Resolução CCEP no. 395 de 1995. Fixa novo currículo pleno do curso de História – Bacharelado e Licenciatura para os alunos que ingressarem a partir de 1996 e dá outras providências.

Goiás. Universidade Federal de Goiás. Regulamento Geral dos Cursos de Graduação. Dezembro de 2000.

Goiás. Universidade Federal de Goiás. Circular/ Prograd/ RGCG/ 016 de 1º de abril de 2003. Orientações gerais para a elaboração de projeto pedagógico dos cursos de graduação adequadas ao novo RGCG/ UFG.

Goiás. Universidade Federal de Goiás. Circular/ Prograd/ RGCG/ 025 de 08 de maio de 2003. Sugestões para construção de projeto político-pedagógico dos cursos de graduação da UFG.

Goiás. Universidade Federal de Goiás. Pró-reitoria de Graduação. Câmara de Graduação. Resolução/ CEPEC nº 626 de 14/10/2003. Define critérios para a Formação de Professores da UFG.